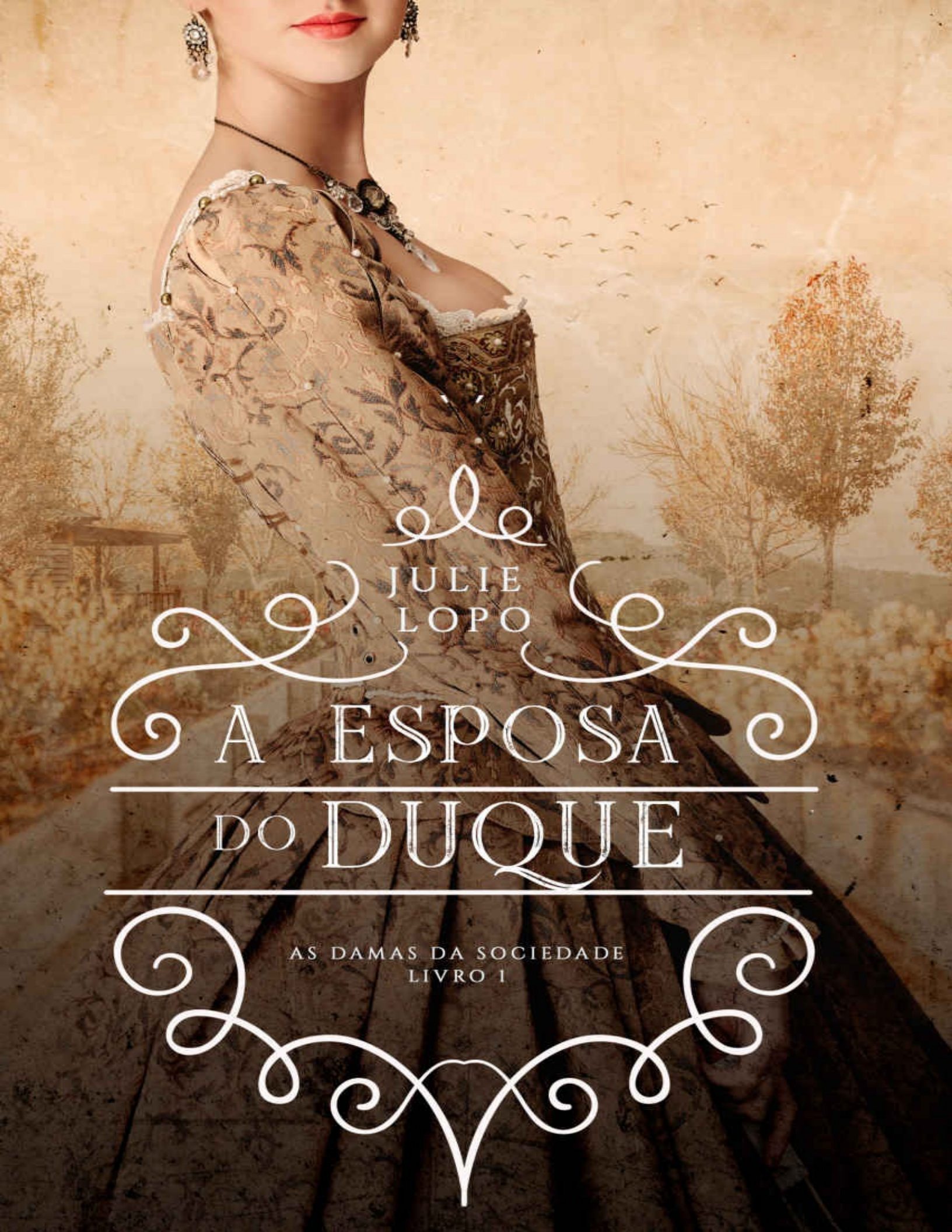




JULIE
LOPO

A ESPOSA DO DUQUE

AS DAMAS DA SOCIEDADE
LIVRO 1



JULIE
LOPO

A ESPOSA

DO DUQUE

AS DAMAS DA SOCIEDADE
LIVRO 1

Copyright © 2019 Julie Lopo

Capa: LA Design

Revisão e Diagramação: Carla Santos

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa do autor. Os infratores serão punidos na forma da lei.

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Epílogo

Biografía

Obras

el Prólogo

— Sinto muito pela sua perda — uma senhora diz para Eleanor.

Era apenas mais uma da alta sociedade londrina que passou para prestar os seus sentimentos para Eleanor e seus irmãos, após a morte dos seus pais. Os dois saíram da casa de campo para um baile, infelizmente no meio do caminho os cavalos se assustaram com alguma coisa e assim causaram a morte do conde de Greenwood e sua esposa, deixando órfãos seus três filhos.

Eleanor olha para James, o atual conde, um menino de apenas oito anos, tão pequeno, na fase que mais precisava de um pai, e sua irmã Charlotte, de apenas quinze anos, tão perto de sua estreia na temporada. O que seriam deles agora?

Alfie Bartlett cumprimenta alguns nobres e Eleanor solta um suspiro. O único parente vivo estava ali e, assim que colocou os pés na casa, informou que não permitiria que nada acontecesse com eles. Alfie era irmão do pai de Eleanor, três anos mais novo, e se não fosse James, seria o atual conde de Greenwood.

— Eleanor — o advogado de seu pai se aproxima e Alfie se junta a eles —, o seu tio foi nomeado por seu pai antes de sua morte como tutor de seus filhos, caso alguma coisa acontecesse.

— Então, o senhor é agora responsável pelos bens? — Eleanor pergunta a seu tio.

— Dos bens, do condado, do dote, tanto seu quanto de Charlotte, até que você ou sua irmã se case. Quando isso acontecer, o seu marido será o novo tutor de James até a sua maioridade — o advogado informa.

— O que será de nós? — Charlotte pergunta segurando a mão da irmã.

— Vocês me acompanharão a Londres, no momento o ideal é que fiquemos unidos — Alfie diz e dá um sorriso de orelha a orelha e Eleanor sente um frio na espinha. — Cuidarei dos meus sobrinhos com todo amor e carinho que merecem.

Aquela noite, após arrumar suas coisas, Eleanor deita na cama e encara a janela, não sabia o que Londres lhe guardava. Aos vinte e um anos de idade, poderia ser considerada “solteirona”, já que as moças da sua idade já estavam casadas e com filhos. Mas como seu pai permitiu que casasse por amor, não escolheu um dos vários pretendentes que apareceram no decorrer dos anos.

Agora se via sozinha, com dois irmãos, sendo um pequeno ainda, aos cuidados de um tio que era considerado por seu pai como perdulário. Tio esse que cuidaria do seu dote e do da sua irmã, bem como de toda fortuna pertencente a James, o novo conde de Greenwood. Não restava mais nada a Eleanor a não ser orar para que tudo desse certo na nova vida.



Dois anos depois...

Eleanor sabia que algo de muito errado estava acontecendo em sua casa. Desde que seus pais morreram dois anos atrás e seu tio assumiu a sua guarda e a de seus irmãos, tudo mudou. Aos poucos, James começava a ficar doente e quieto, completamente diferente do menino que era. Charlotte passara a ter receio de sair em público, pois a todo momento dizia que estava gorda demais.

E tudo isso Eleanor sabia que devia ao seu tio Alfie; desde o momento em que ele reaparecera na vida deles, nada mais foi o mesmo. A princípio, não desconfiara de que ele pudesse ser o causador de tudo, achara que era o fato de terem perdido seus pais, mas quando os empregados passaram a ser demitidos e trocados por outros que ela não conhecia, somando ao fato de que James ficava doente e mais fraco a cada dia, passou a desconfiar do que realmente acontecia em sua casa.

Somente quando, em uma conversa com sua melhor amiga Scarlett, que sem querer perguntou o que aconteceria com o título de conde se James viesse a morrer, foi que Eleanor entendeu o mistério que parecia ter surgido em sua vida.

Se James morresse, seu tio Alfie seria o novo conde e assumiria tudo: o dinheiro, as casas, as terras e tudo mais.

E fazia sentido se ela parasse para analisar friamente, Alfie não permitia que chamassem nenhum médico a não ser o que ele mesmo chamara, não podiam tirar James da casa que ficava constantemente vigiado por uma criada. Era como se ele não quisesse que o menino fosse tratado e curado.

Mas a gota d'água que fez com que entendesse os planos de seu tio foi a conversa que ouviu por trás de uma porta. Ele dizia a alguém que garantiria que o dinheiro ficaria com ele, fosse com a morte de James ou então se casando com ela ou sua irmã. Assim, pelo testamento, o primeiro a se casar com uma das irmãs assumiria tudo gerenciando a fortuna.

E foi aí que Eleanor percebeu que precisava se casar o mais rápido possível, não poderia se dar ao luxo de escolher pretendentes, de sonhar com um casamento por amor. Necessitava de um marido.

Para sua sorte a temporada estava começando, receberia inúmeros convites para os bailes, mesmo sendo considerada uma solteirona aos vinte e três anos, sabia que as famílias nobres a convidaria, era filha do conde de Greenwood e sua presença seria requisitada.

O único problema em seu caminho era o fato de que Alfie passara a esconder os convites, ele não queria que ela fosse vista, nem mesmo suas

saídas passaram a ser permitidas. Então a única solução que encontrara fora ficar sentada em frente a uma janela observando a movimentação na rua. Quando um mensageiro subiu os degraus da mansão quase três horas depois ela correu até a porta, recebendo assim um convite para o baile da Condessa Maisie Haylock, uma das amigas de sua mãe. Rapidamente respondera ao mensageiro que iria ao baile e solicitara que agradecesse o convite em seu nome.

Alfie então não tivera outra solução a não ser permitir sua presença no baile. E era por isso que agora estava em um canto do salão com Scarlett segurando um copo de limonada e olhando atentamente todas as suas opções.

— Tem certeza de que se casar com qualquer um é a melhor solução? Poderia cair nas mãos de um lunático ou um perdulário que acabaria com toda a fortuna de seu irmão.

— Eu sei, Scarlett, mas o desespero é maior que qualquer bom senso que eu poderia ter. Preciso me casar antes que meu tio me comprometa em frente à sociedade ou então que James venha a falecer. Não é somente a minha vida que está em risco, e sim a de meus irmãos. Preciso tirar Charlotte e James daquela casa o mais rápido possível.

— Eu entendo, Eleanor, de verdade. Apenas tenho medo que acabe cometendo um erro. E outra, a temporada apenas começou, pode demorar dias ou semanas até que alguém finalmente decida pedi-la em casamento.

A temporada londrina era o momento esperado por parte das moças solteiras, elas poderiam ser apresentadas formalmente à Corte e à sua Rainha, e seriam permitidas nos salões de bailes para seu debut. Para uma moça

como Eleanor, que, aos vinte e três anos, passara seis temporadas sem casar, as coisas ficavam complicadas, já que era considerada velha demais para um casamento vantajoso.

— Você poderia desistir de seu noivo e deixá-lo para mim — Eleanor brinca fazendo a amiga sorrir.

Scarlett tivera a sorte que Eleanor não tinha, um jovem marquês lhe pedira em casamento algumas semanas antes e os dois estariam casados até o fim da temporada naquele ano.

— Pedi a Riley que apresentasse algum amigo para você. Ele disse que o único problema era que a maioria de seus amigos não queria se casar. Mas que ele pensaria no assunto.

— Obrigada, na minha atual situação aceitaria qualquer um. — Eleanor volta a olhar o grande salão, as pessoas começam a se afastar e olham para um ponto específico. — O que está acontecendo?

Scarlett segue o olhar da amiga e treme levemente ao seu lado.

— O Duque Monstruoso acaba de chegar.

— Duque Monstruoso?

— Simon Halsey, duque de Wentworth. Ele é chamado assim por causa de seu rosto, que tem o lado esquerdo cheio de cicatriz por causa de uma queimadura severa. Nunca ouviu falar sobre ele?

— Meu tio me deixou fora da temporada passada lembra-se? E com tudo o que tem acontecido com a minha família, não tenho prestado atenção às fofocas da sociedade.

— Tem razão. Segundo o que Riley me disse, o duque esteve recolhido em sua propriedade no campo, as pessoas sempre o apontam ou se afastam quando ele chega. Por isso prefere ficar recluso, não sei o que o levaria a vir até Londres e, principalmente, a um salão de baile.



Simon não queria estar ali, não era necessário que alguém o lembrasse dos motivos para que ficasse no campo longe da sociedade londrina. Eram os olhares de pena, nojo e escárnio que o mantinham afastado. Ele sabia que as marcas em seu rosto afastavam as pessoas, era assim desde os seus dez anos de idade. Por vinte anos convivera com o fato de que tinha o rosto e o corpo desfigurado.

Apenas alguns rapazes o receberam bem em Eton, e era por causa de um deles que estava ali: Riley Callow, marquês de Eglington, um dos poucos amigos que conseguira manter. Enviara-lhe uma mensagem dizendo que iria para Londres, pois precisava urgentemente de uma esposa. Sua irmã Daisy debutaria no ano seguinte e precisaria de uma mentora, sem contar o fato de que precisava de um herdeiro.

Mesmo que por anos pensara em negar ao seu pai uma continuação ao título, decidira por fim ter um herdeiro, não por seu pai, mas por si mesmo. Queria algo que sempre desejara: uma família.

Não que acreditasse que fosse dar certo, as mulheres mais velhas iam para a sua cama e queriam apenas isso, não aceitavam serem vistas ao seu lado. As moças olhavam para ele com puro terror nos olhos. E era assim que sua determinação de se casar era praticamente destruída.

— Vinte anos se passou e ainda assim a sociedade me olha como se eu fosse de outro mundo.

— Você ficou tempo demais no campo, Simon, as pessoas apenas se esqueceram de como você se parece. Se estivesse ativamente no Parlamento e circulando por Londres, isso não aconteceria — Riley brinca e acena para o outro lado do salão, fazendo com que Simon olhe naquela direção.

— Sua noiva presumo?

— Sim, Scarlett.

Simon olha para a jovem ao lado da noiva de Riley, os cabelos escuros estão presos no alto de sua cabeça, os olhos escuros mesmo de longe parecem brilhar, sua pose delicada e ao mesmo tempo elegante são provas de um título que muito provavelmente possuía, o vestido claro só ressalta sua beleza, e Simon chega à conclusão de que a bela jovem deveria ser comprometida, não haveria como uma moça tão bela estar solteira.

Desviando o olhar da acompanhante da noiva de Riley, ele deixa seus olhos vagarem pelo salão. Precisava de uma noiva, alguém desesperada o bastante para se casar com ele.



Eleanor estava desesperada e não poderia negar esse fato. Buscara por todo o salão pelos homens que seriam elegíveis para se casar, mesmo que sua aparência não fosse de todo tão bela. Mas quando Riley e o duque de Wentworth se aproximaram sentiu um arrepio por seu corpo.

— Como vai, Lady Bartlett? — Riley pergunta inclinando sobre sua mão.

— Estou bem — ela responde e olha para o seu acompanhante.

— Lady Bartlett tenho a honra de lhe apresentar um velho amigo, Simon Halsey, duque de Wentworth. Simon, essa é Eleanor Bartlett, a melhor amiga de minha noiva. E essa bela moça, claro, é a minha noiva, Scarlett — ele faz as apresentações.

— Vossa Graça. — Eleanor e Scarlett fazem uma reverência e ele inclina a cabeça sem se aproximar.

Os olhos de Eleanor vagam discretamente pelo corpo de Simon tanto quanto é possível, a roupa preta ricamente trabalhada e engomada envolvem o seu corpo perfeitamente, mostrando os ombros largos, as luvas brancas impedem que veja suas mãos e Eleanor se pergunta se não seria por causa das queimaduras que tomam o lado esquerdo do seu rosto e pescoço.

— O que o traz a Londres, Vossa Graça? — Scarlett pergunta puxando assunto.

— Alguns assuntos pessoais — ele responde educadamente e ao mesmo tempo dizendo que não quer falar a respeito.

— Simon está em uma missão — Riley diz com um sorriso. — Segundo ele, essa missão é de suma importância.

— Obrigado por falar tão abertamente sobre meus assuntos.

— Eu não disse o que era, apenas disse que tinha uma missão.

— Podemos ajudar em alguma coisa? — Eleanor pergunta sem resistir à curiosidade. O que um homem, que mesmo com o rosto marcado ainda possuía uma aparência tão bela, como seu lado direito mostrava, e seu porte elegante que emanava poder, estaria em busca.

— Ele quer se casar — Riley responde e recebe um olhar mortal de seu amigo.

— Casar? — Scarlett troca olhares com Eleanor, percebendo que a amiga chegou a mesma conclusão.

— Casar — Simon concorda. — Minha irmã irá debutar muito em breve e preciso de uma mentora para ela. Por mais que sua preceptora seja alguém muito competente, não acredito que possa ajudá-la com a sociedade londrina.

— Tem alguém em vista, Vossa Graça? — Scarlett pergunta.

— Ainda não. — Simon deixa seus olhos correrem pelo salão. Ele sentia que as paredes se fechavam a sua volta, podia ouvir os sussurros nada discretos a seu respeito. Ele sabia que a sociedade comentava sobre ele desde seu acidente. E com o tempo, quando herdou o título, acreditou que seria aceito, mas estava enganado, ele ainda provocava repulsa em algumas pessoas. — Se me dão licença, vou tomar um pouco de ar.

Simon vai em direção as portas abertas do salão, saindo para uma grande sacada, um casal está ali conversando e o ignoram completamente. A música do salão tão convidativa para alguns era para ele um tormento. A única mulher com quem ele dançava era sua irmã e sabia que se entrasse e tirasse alguém para dançar receberia um sonoro não.

Eleanor observa Simon se afastar e sente Scarlett agarrar sua mão.

— Ele quer se casar.

— Eu ouvi.

— E então?

— O que se passa, querida? — Riley olha para as duas moças ao seu lado sem entender.

— Eleanor precisa se casar, o tio dela pretende comprometê-la a obrigando assim a se casar com ele. Ele deseja tomar toda a herança deles. Se ela se casar, será o marido quem irá controlar tudo.

Riley olha na direção que Simon saiu, agora tudo fazia sentido quando ouviu as duas conversarem mais cedo sobre encontrar um noivo.

— Simon precisa de uma esposa, não só para ajudar a irmã, mas também porque deseja um herdeiro. Ele seria um noivo elegível. Sem contar que estaria amparada pelo título dele, caso seu tio deseje brigar.

— Ele tem razão. Um tribunal ficaria a favor de um duque e não de um homem sem título — Scarlett diz rapidamente. — Ele é o homem ideal, Eleanor.

— Você acha que ele realmente aceitaria se casar comigo?

— Por que não? É uma moça bonita, não está se casando com interesse pelo dinheiro dele. Quer apenas alguém que a proteja e a seus irmãos. — Riley dá de ombros. — Não vejo por que ele não aceitaria.

— Sem contar que não acredito que ele tenha muitas opções, assim como você. Precisa se casar o quanto antes, ele também. Não pense muito, Eleanor, ou alguma interesseira passará na sua frente. Ou, então, que ele descubra sobre Katherina.

— Quem é essa? — Eleanor pergunta tentando se lembrar do nome.

— A noiva amaldiçoada, não se lembra dela? — Scarlett olha pelo salão e aponta para um jovem que está em companhia de duas mulheres e um homem muito bem-vestido. — Katherina Threston, filha do conde Rathbone. Três anos atrás, ela se casou com um marquês, mas quando saíam da igreja ele simplesmente parou de andar do nada e foi ao chão, morreu na hora. Como o casamento não fora consumado, a sociedade não esperava dela que ficasse de luto, ainda mais que o pai requereu a anulação do casamento. No ano seguinte, ela conheceu o filho de um conde e marcaram casamento, ele morreu um dia antes do casamento.

— Meu Deus! — Eleanor olha para a moça em questão. — Ela tentou se casar novamente?

— Não, ficou reclusa por dois anos na casa do conde Weston, ele se casou com a irmã mais velha dela, Miranda. Ninguém soube dela até que finalmente voltou aos salões de baile acompanhando a irmã que está debutando esse ano, se não me engano o nome dela é Elizabetha.

— E com certeza a fama dela não vem ajudando para conseguir um pretendente.

— As matronas da sociedade não falam de outro assunto — Riley brinca. — Ao que tudo indica, Katherina foi considerada amaldiçoada e nenhuma mãe ou homem deseja um relacionamento com ela. Então ela estaria tão desesperada quanto você para um casamento. Seria uma hipótese para Simon. Se tem planos de se casar o mais rápido possível, sugiro aproveitar a oportunidade.

Eleanor olha para a porta do outro lado do salão e as palavras de Riley e Scarlett rodam por sua mente, eles tinham razão. Precisava se casar o mais rápido possível e Simon queria uma noiva. Não custava nada perguntar, se ele dissesse não poderia voltar para o salão e procurar por outro pretendente.

Sem pensar demais, Eleanor atravessa o salão e sai para a sacada, respirando fundo ela chama por ele.

— Vossa Graça. — Simon escuta atrás dele e se vira rapidamente, encontrando Eleanor parada olhando para ele insegura.

— O que você deseja? — ele pergunta se aproximando um pouco, saindo da escuridão que se escondera.

— Não é questão do que eu desejo, mas sim do que eu necessito — responde misteriosamente o deixando curioso.

— E o que seria?

— Necessito de um marido. Meu tio está determinado a me obrigar a casar com ele, há muito em jogo e ele não está disposto a abrir mão de tudo.

— Não entendo — ele diz confuso, tentando compreender porque aquela jovem estava lhe dizendo isso.

— Quando meu pai faleceu deixou três filhos aos cuidados do único irmão, e com isso uma grande fortuna. Sou a mais velha e com o meu casamento, meu marido se tornaria o representante legal do condado, administraria todos os bens, incluindo o dote de minha irmã. Enquanto meu

irmão for menor de idade, meu marido cuidaria de tudo. Uma vez que meu tio não quer perder a fortuna e muito menos o título do meu irmão, decidi que vou me casar com ele.

— E você não deseja isso? — ele diz a olhando atentamente e entendendo sua história.

— Não. Eu não desejo. Por isso preciso de um marido que esteja disposto a enfrentar meu tio. Infelizmente, não achei ainda um que queira assumir essa briga. E com isso temo por meu irmão. Os empregados da casa estão estranhos, a saúde do meu irmão está debilitada. Acredito...

— Acredita? — pergunta assim que ela para de falar.

— Acredito que meu tio planeja matar meu irmão e assim ficar com o título de conde. Ao se casar comigo assume o meu dote e controla o da minha irmã. Tenho que me casar para protegê-los.

— E está aqui me dizendo tudo isso, porque estaria disposta a se casar comigo? Um monstro?

Ela olha para o seu rosto com cicatrizes e balança a cabeça.

— Você não é um monstro.

— Não é o que as damas dizem. — Ele aponta para o salão de baile.

— Eu não sou elas. Eu não o acho um monstro.

— Se eu fosse você teria cuidado, posso provar que está enganada.

— Vivo com um monstro há dois anos, acredite em mim, Vossa Graça, o senhor não é um monstro.



Eleanor sabia que era um risco se aproximar de Simon e fazer uma proposta como essa, mas não tinha outra escolha. Caso ele não aceitasse seria obrigada a procurar por outra pessoa, os dois não conseguiram terminar a conversa, já que foram interrompidos por alguns casais que saíram para a sacada. Aproveitando a distração do duque, Eleanor voltou para o lado de sua amiga. Não queria correr o risco de ser vista por seu tio e por alguns minutos sentira vergonha do que fizera, praticamente se jogara nos braços do duque de Wentworth.

— Como foi? — Scarlett pergunta assim que se aproxima.

— Eu fiz a proposta, mas acho que foi um erro, ele estranhou e ficou dizendo que era um monstro.

— Deixe-o pensar por um tempo, Eleanor, tenho certeza de que ele verá que terá vantagens com essa união. Não vejo as mulheres no salão disputando pela atenção dele e, quando não encontrar uma noiva, verá que a sua proposta é atrativa.

Não demorou muito para que seu tio Alfie a encontrasse e dissesse que deveriam partir. Ele não queria a presença dela no baile, mas não podia recusar o convite feito pela condessa. Eleanor se despede de todos e ao sair do salão avista Simon conversando com Riley. A noite toda havia sido uma completa loucura, e torcia para que seu tio não desconfiasse de seus planos.



No dia seguinte, Eleanor estava se sentindo em trapos, seu corpo estava dolorido, sua cabeça pesada de tanta dor. Assim que chegara do baile, Charlotte a chamara para o quarto de James, o menino tivera uma piora e as duas ficaram de prontidão ao lado da cama, a febre não parecia querer abaixar, ao mesmo tempo que seu corpo tremia incontrolavelmente. Seu tio se recusara a chamar um médico, ordenando que a governanta tentasse abaixar a febre do menino.

Sua vontade era de ir para o quarto e se jogar na cama esquecendo que o mundo a sua volta estava implodindo, mas um dos criados informou que havia uma visita na sala a esperando. Reunindo o pouco de força que tinha, Eleanor desceu até a sala de visitas, onde encontrou Scarlett conversando com Alfie.

— Scarlett?

— Oi, Eleanor, desculpe vir sem avisar, mas minha mãe e eu tivemos uma ideia hoje pela manhã e claro que não podia esperar para vir pessoalmente.

— O que houve?

— Daremos um jantar essa noite para alguns amigos mais próximos, nossa família e a família de Riley. A temporada está começando e os bailes, jantares formais, sarais estão praticamente marcados em todas as noites até o meu casamento que será em dois meses. Então aproveitamos a noite livre de hoje para nos reunirmos. E claro, conto com sua presença e a de Lorde Bartlett.

— Será uma honra. — Seu tio faz uma reverência.

Eleanor sabia que ele aceitaria o convite, a família de Scarlett era nobre, apesar de seu pai ser apenas o segundo filho e ter se formado como advogado. Ela era sobrinha de um conde e por isso aos olhos de Alfie era uma amizade que lhe daria muitos lucros.

— Precisa de ajuda com alguma coisa? — ela se oferece.

— Não é necessário. A cozinheira, claro, ficou louca quando soube que terá que fazer um jantar enorme com cinco pratos, mas já começou a trabalhar. Sua presença e a de seu tio é apenas o que preciso.

— Estaremos lá.

Eleanor abraça a amiga, que sussurra em seus ouvidos:

— Não se preocupe, tenho um plano.

As duas se afastam e Eleanor olha preocupada para a amiga, que apenas sorri e se despede.

Scarlett entra em sua carruagem pedindo para que o cocheiro a leve até o escritório de Riley, precisava avisar o noivo do jantar, pedir que levasse sua família e, claro, o duque de Wentworth. Pela manhã, quando dissera aos seus pais que daria um jantar naquela noite, ambos se recusaram a princípio, mas quando explicara os motivos eles voltaram atrás.

Seus pais eram amigos dos de Eleanor e ficaram enfurecidos quando souberam que James, provavelmente, era envenenado aos poucos e que Alfie planejava forçar Eleanor a se casar com ele. Claro que sua mãe Georgianna não concordara em ajudar Eleanor a se casar com o Duque Monstruoso, mas, após algumas argumentações da filha, concluiu que era melhor um duque com seu corpo deformado, do que um tio mau-caráter.

— A que devo a honra da visita de minha bela noiva? — Riley pergunta assim que Scarlett entra em seu escritório.

— Daremos um jantar essa noite por nosso noivado, leve seus pais e, claro, o duque.

— Hoje, Scarlett? Não está muito em cima da hora?

— Eleanor não tem muito tempo, devemos ajudá-la a se casar. O duque deve perceber o quanto será vantajoso se casar com ela.

— Tudo isso então é para casar sua amiga?

— Por favor, Riley — ela pede abraçando o noivo, que suspira.

— Está bem, minha querida, levarei Simon hoje à noite.



Eleanor sentia o estômago revirar. Desde que entraram na casa de Scarlett, seu tio praticamente lambia o chão em que Lorde Thomas Wright, pai de Scarlett, pisava. Lady Georgianna a abraçara com carinho, ela e sua mãe foram amigas na época de escola e debutaram juntas, o que acabou refletindo na amizade das filhas.

Eles estão na sala de visitas conversando quando Riley foi anunciado, ele entra acompanhado por seus pais e por Simon fazendo com que a pele de Eleanor se arrepie. Do outro lado da sala, seu tio olha de cara fechada para o duque e por alguns instantes ela tem medo de que ele tenha desconfiado ou descoberto sobre a proposta que fizera a Simon.

— Sejam bem-vindos! — Lorde Wright diz recebendo os visitantes e Scarlett sorri para o noivo. Ela se vira para Eleanor e diz animada:

— Quero lhe mostrar o meu véu, ele ficou pronto e é simplesmente a coisa mais linda que eu já vi. — Ela se levanta puxando Eleanor.

— Posso acompanhá-las? — Riley pergunta se aproximando.

— Claro que não. Não deve ver nada do meu vestido antes do casamento.

— Sendo assim, vou aproveitar para mostrar a Simon a biblioteca, eu disse a ele o quanto invejo sua biblioteca, meu sogro — Riley diz sorrindo para o pai de Scarlett, que infla o peito com orgulho.

— Espero que goste, Vossa Graça.

— Tenho certeza que sim.

Scarlett puxa Eleanor para fora da sala, mas ao invés de tomar as escadas vai para a biblioteca. Sem entender o motivo, ela a segue sem reclamar.

— Como está o seu irmão? — Scarlett pergunta assim que se sentam no sofá confortável e Eleanor deixa as lágrimas caírem.

— Achamos que ele não resistiria essa noite. Ele quase morreu, Scarlett, e meu tio não permitiu que chamássemos um médico.

As duas se abraçam no mesmo momento em que as portas da biblioteca se abrem. Simon olha para o sofá, os olhos vermelhos de Eleanor chamam sua atenção, mesmo que ela tente limpá-los e respirar fundo, é impossível esconder que está chorando.

— O que aconteceu, minha querida? — Riley corre até a noiva, que suspira tomando as mãos da amiga.

— James quase morreu essa noite.

— Sinto muito, Eleanor — Riley diz baixinho e Eleanor sente os olhos se encherem de água novamente.

— O menino está mal? — Simon pergunta de sua posição mais afastada e Eleanor levanta a cabeça para olhá-lo.

Mesmo da distância em que se encontra, percebe a vulnerabilidade, o medo, a insegurança de Eleanor refletida em seu rosto e olhos.

— Muito, passou a noite com febre e tremendo. Não creio que resista por muito tempo mais. Algo me diz que estão aumentando o veneno que lhe dão todos os dias. Vou perder meu irmão. — Ela leva as mãos ao rosto e Simon observa a cena.

Após a saída de Eleanor do baile, tentara conversar com algumas mulheres, mas não obtivera sucesso. Ao voltar para a mansão de sua família tomara praticamente todo o conhaque que encontrara. Ele sabia que não era desejável, sabia que teria que usar sua influência para se casar. Queria alguém que cuidasse de sua irmã e lhe desse herdeiros.

Havia uma jovem que não saía de sua cabeça durante o dia e agora ela estava sentada a alguns metros de distância tentando se recompor. Ela lhe pedira em casamento, era sua oportunidade de conseguir o que queria ao mesmo tempo que lhe ajudaria.

Determinado, ele atravessa a biblioteca e se ajoelha em frente à Eleanor, toma as suas mãos na sua e espera até que ela olhe para o seu rosto.

— Não tenho muito a lhe oferecer em relação a sentimentos ou até mesmo em boa aparência. Mas lhe ofereço minha posição, minha proteção e lhe prometo que farei de tudo ao meu alcance para que seu irmão se recupere. Lady Eleanor Bartlett, aceita se casar comigo?

Eleanor prende a respiração e mantém o olhar fixo nos olhos azuis do duque, não era o homem com quem sonhara em se casar, mas ele estava ali disposto a ajudá-la, seria um casamento por conveniência para ambos. Seus irmãos estariam seguros e seria obrigada a lhe dar herdeiros. Teria que se deitar com ele todas as noites até que estivesse grávida.

Simon não era atraente, mas o seu olhar aquecido parecia lhe fazer várias promessas para o futuro.

— Aceito, Vossa Graça — Eleanor diz baixinho e ele se levanta a puxando para os seus pés.

— Riley, você e Lorde Wright conseguiriam uma licença especial para amanhã mesmo?

— Cuidarei disso na primeira hora.

Simon retira um lenço do bolso e entrega para Eleanor enxugar o rosto.

— Amanhã pela tarde, lady Eleanor, estaremos casados e seu irmão estará muito longe do homem que tenta matá-lo. Isso é uma promessa.



Ao voltar para casa naquela noite, a primeira coisa que Eleanor fez foi ir até o quarto da irmã, para sua sorte ela ainda estava acordada com a criada a ajudando a se trocar.

— Como foi o jantar? — Charlotte pergunta e Eleanor dispensa a criada dizendo que ajudaria a irmã. Assim que estão sozinhas, ela puxa Charlotte para o mais longe possível da porta.

— Preste muita atenção no que vou dizer, não teremos muito tempo para nos preparar — Eleanor sussurra olhando para a porta.

— Preparar para o quê?

— Em silêncio arrume uma mala para você, poucas coisas, depois damos um jeito de comprar mais. Amanhã, após o almoço, vou sair com a desculpa de acompanhar Scarlett até a modista para experimentar o vestido de noiva, mas na verdade vou até o cartório para me casar.

— Casar? — Charlotte arregala os olhos entendendo o motivo dos sussurros. — Com quem?

— Ele é um duque que precisa de uma esposa, eu preciso de um marido, então entramos em um acordo, vamos nos casar amanhã com uma licença especial, depois voltamos até a mansão para pegar o James e você. Esconda a sua mala no quarto de James e não saia do lado dele em hipótese nenhuma. Faça uma mala para ele também.

— E se nosso tio descobrir ou tentar impedir?

— Nosso tio não pode fazer nada. Segundo o testamento, meu marido passa a ser tutor tanto do James como de você, ele também controla toda a fortuna e o título. Mas acredito que ele não estará aqui para impedir. Scarlett vai pedir para o pai chamar nosso tio para um almoço que será estendido até mais tarde. Quando voltar para casa ou ficar sabendo o que aconteceu estaremos fora daqui. O importante é que tome muito cuidado amanhã, Charlotte, ninguém pode desconfiar de nada até que eu esteja casada.

— Não se preocupe. — Charlotte abraça a irmã. — Sinto muito que esteja se casando nessas circunstâncias.

— Faço qualquer coisa pela segurança dos meus irmãos. Agora vou para o meu quarto arrumar algumas coisas. Nosso tio foi encontrar a amante, então estamos seguras.

— Tenho pena dessa pobre coitada.

Eleanor e Charlotte haviam conhecido a amante do tio um dia sem querer em uma modista, quando a mesma solicitara o envio das contas para Alfie.

— Tome cuidado, minha irmã. — Eleanor vai para o seu quarto onde sua criada a espera.

Depois de tirar o vestido e colocar uma camisola, a criada a deixa sozinha, retirando uma mala do armário guarda algumas roupas. Não seria possível levar muita coisa, se tudo desse certo como Riley dissera, assim que Simon torna-se responsável por tudo poderiam reaver a casa e o que havia nela, o único problema seria se seu tio contestasse tudo, até mesmo o casamento. Por isso era importante que ele se tornasse oficial o mais rápido possível.

Eleanor não sabia direito tudo o que envolvia um casal à noite em um quarto. Sabia que teria suas obrigações, mas era muito leiga ainda no assunto. Teria que confiar mais uma vez em um homem que vira apenas duas vezes e que no dia seguinte se tornaria seu marido.



No dia seguinte Eleanor estava nervosa, ela e a irmã ficaram no quarto de James durante toda a manhã, até que chegou a hora de se trocar para o casamento. Um vestido verde cor de maçã é o escolhido, com cintura alta e um decote recatado, mangas compridas, não era a cara de um vestido de noiva, mas era um dos melhores que possuía. A criada prende seu cabelo em um coque alto com alguns cachos soltos.

Uma vez que está pronta, ela desce até a sala onde Scarlett já a espera como combinado, as duas saem até a carruagem dos Wrigth que as espera, uma última olhada para a mansão de sua família como solteira faz o peito de Eleanor se apertar.

Seu tio chegara no meio da manhã, trocara de roupa e saiu novamente para encontrar com o pai de Scarlett. O plano estava a todo vapor e, em alguns minutos, Eleanor seria a nova Duquesa de Wentworth.

A carruagem atravessa a cidade até o cartório, o cocheiro abre a porta informando que está tudo tranquilo e as duas entram rapidamente no prédio, Riley e Simon as esperam em frente à sala do juiz onde o casamento será realizado.

— Está muito bonita, lady Eleanor. — Riley beija a sua mão e ela agradece timidamente.

— Está tudo bem? — Simon pergunta se irritando por Riley ter tomado sua frente.

— Sim, meu tio saiu. Minha irmã está com tudo preparado para sair de casa assim que voltarmos.

— Então vamos nos apressar. — Simon estica o braço esquerdo onde usa uma luva branca.

Enquanto o acompanha, Eleanor não consegue tirar os olhos da luva, mesmo que o tenha visto em apenas duas ocasiões, nas duas ele jamais retirara a luva. Simon chama sua atenção quando o juiz começa o casamento e ela volta os olhos para seu rosto. Como solicitado por Simon o casamento é rápido, e não demora muito para que ela esteja com uma aliança em sua mão esquerda.

— Você está casada — Scarlett diz atrás dela e Eleanor volta a olhar para o seu marido.

Ele se inclina lentamente e beija seus lábios levemente. Apenas um roçar de lábios, mas que é o suficiente para fazer seu corpo tremer, Simon fecha a cara com a sua reação e direciona para fora da sala do juiz com a certidão do casamento em mãos.

Simon sabia que sua aparência não era das melhores, seu rosto causava repugnância, nojo em algumas mulheres. A reação de Eleanor não fora diferente de outras mulheres que ele levou para a cama. Elas aceitavam ser suas amantes apenas pela vantagem do seu dinheiro, mas mesmo nesses casos não escondiam o nojo que sentiam.

Eleanor entra na carruagem de seu novo marido e olha para as mãos sobre o seu colo, ele não lhe dirigira a palavra após o casamento, estava em silêncio com o semblante fechado e carregado, a boca estava comprimida em uma linha como se estivesse nervoso. Por mais que não quisesse tocar no assunto, não conseguia ficar em silêncio.

— Vossa Graça se arrependeu do casamento?

— Meu nome é Simon, agora é minha esposa. Deve me chamar por meu nome — ele responde irritado.

— Me desculpe.

— Não, eu não me arrependi — responde sem olhar para ela. — Assim que chegarmos deve subir para buscar seus irmãos. John, um dos meus criados, vai acompanhá-la para ajudar com James. Quero entrar e sair o mais rápido possível. Se seu tio chegar e ainda estivermos lá, ele pode armar um escândalo, nosso casamento não foi consumado ainda e pode solicitar a Câmara dos Lordes e até mesmo a Justiça a anulação.

— Serei rápida, prometo — ela concorda.

A carruagem para com uma sacudida e a porta se abre revelando um homem grande e forte, ele ajuda Eleanor a descer, que corre para dentro da mansão. Ao notar a agitação, a governanta tenta agarrá-la, mas Simon é mais rápido segurando a mulher.

— Rápido, Eleanor — ele diz e ela sobe as escadas com John.

— Quem é você?! — a governanta grita.

— Sou o duque de Wentworth, marido de Eleanor, por meu direito a estou levando embora com seus irmãos.

— Lorde Bartlett não vai permitir.

— Lorde Bartlett pode até tentar. — Simon sorri, ele sabe que ao fazer isso sua pele no rosto enrugando lhe dando um aspecto ainda mais asqueroso e a prova disso é o fato da mulher ao seu lado ao qual mantém em seu aperto treme incontrolavelmente e fecha os olhos.

Eleanor grita por Charlotte, que sai do quarto de James assustada.

— Vamos embora!

Charlotte concorda e John entra no quarto atrás dela, a pedido de Eleanor. Enquanto ele ajuda a irmã e o irmão, ela pega sua mala embaixo da cama e volta para o corredor.

John passa por ela com James enrolado em um cobertor em direção das

escadas enquanto Charlotte carrega duas malas. As duas correm para baixo e não param nem quando a governanta grita tentando impedi-las. John coloca James no banco da carruagem e pega as malas para prender na carruagem. Charlotte entra primeiro colocando a cabeça do irmão em seu colo. Assim que Eleanor se ajeita no banco em frente a eles, Simon entra batendo a porta e a carruagem se afasta.

— Foi tudo como esperado. Minha intenção a princípio era ir para a minha casa no campo, mas seu irmão não está em condições de uma longa viagem, então ficaremos aqui mesmo, chamarei o melhor médico de Londres para examiná-lo.

— Obrigada, Simon — Eleanor agradece apertando sua mão e ele olha para as mãos unidas. — Essa é Charlotte, minha irmã.

— Como vai? — Simon pergunta.

— Obrigada por sua ajuda — Charlotte agradece baixinho.

Simon concorda com a cabeça e olha pela janela. Assim que chegassem a sua mansão, ele deveria consumir o casamento, não haveria tempo para conversas ou intimidades, os empregados avisariam o tio de Eleanor e ele iria para lá com a polícia. Por isso era importante a consumação.

— Eu sei — Eleanor sussurra ao seu lado e ele olha para ela sem entender. — Eu sei o que devemos fazer.

Simon mantém os olhos no rosto de Eleanor, ela era linda, jovem, pura e ele era marcado pelo passado, era um homem monstruoso e assim que tocasse nela a contaminaria. Mas era necessário, tanto para mantê-la segura, bem

como aos seus irmãos, mas também porque sua irmã teria a ajuda necessária no ano seguinte em seu debut, e principalmente era a única forma de ter seu herdeiro.

Ele teria que levar Eleanor para a sua cama, seria obrigado a revelar seu corpo marcado e sabia qual seria sua reação, afinal era a única que as mulheres tinham ao ver qualquer parte de seu corpo.



Ao chegarem à casa de Simon, Eleanor começa a respirar um pouco mais aliviada, estava segura agora com seus irmãos ao seu lado. Claro que ainda havia mais um passo a ser dado, o casamento precisava ser consumado para que não corressem o risco de ter uma anulação. A carruagem para em frente a uma escadaria e John abre a porta para eles descerem.

— John vá até a casa do Dr. Boorman e o traga imediatamente. Diga que é um caso urgente.

— Sim, senhor.

Simon ajuda Eleanor descer e ele mesmo carrega James para dentro de casa.

— O senhor precisa de ajuda? — o mordomo pergunta assim que eles entram.

— Sr. Haylock, lhe apresento James e Charlotte Bartlett e Eleanor, minha esposa.

— Senhorita, Vossa Graça. — O mordomo faz uma reverência para Eleanor, que sente seu rosto esquentar. Era a primeira vez que era tratada como uma duquesa.

— Providencie, por favor, para que as bagagens deles sejam levadas aos seus aposentos. Onde está a Sra. Haylock?

— Aqui mesmo, senhor. — Uma mulher roliça sai de uma sala apressada.
— Em que posso lhe ajudar.

— Preciso de um quarto para o menino, o Dr. Boorman logo estará aqui para examiná-lo.

Eleanor e Charlotte sobem atrás de Simon, que segue a governanta até um quarto, ele deposita o menino sobre a cama e a Sra. Haylock o ajeita.

— Ele está fraco. — A governanta faz uma careta.

— Meu irmão vinha sendo envenenado constantemente, por isso está assim. — Charlotte senta ao lado do irmão e segura a sua mão.

— Vamos cuidar dele e logo será um menino alegre novamente. — A Sra. Halylock dá um tapinha no ombro de Charlotte tentando acalmar a menina.

A porta do quarto se abre e um senhor entra passando por eles, Eleanor observa o homem atentamente enquanto examina seu irmão.

— Quais os sintomas do menino? — ele pergunta e Eleanor explica rapidamente o que vinha acontecendo. — Temo que não há muito o que fazer, o veneno esteve correndo por seu corpo por muito tempo. A única coisa que posso fazer por ele é orientar que o mantenham hidratado, uma alimentação leve. Mas nada disso é garantia de que ele vá se recuperar, e se ele se recuperar não sabemos as sequelas. Sinto muito.

— Ele ainda pode morrer então? — Charlotte pergunta abraçando Eleanor.

— Infelizmente sim, teremos que aguardar os próximos dias. Caso ele sinta alguma dor ofereçam um pouco de láudano. E o mantenham confortável. Ar puro também fará bem.

— Obrigado, doutor. — Simon aperta a mão do médico. — Mande a conta depois.

— Se precisar, estou à disposição.

— Ele pode viajar?

— O ideal é que fique aqui na cidade por enquanto, ainda há muitos riscos.

O médico sai do quarto e a governanta o acompanha para buscar um pouco de água para hidratar James. Eleanor, que estava abraçada a irmã perto da cama, pede que ela fique com o menino e se afasta.

— Meu tio pode chegar a qualquer momento.

Simon concorda com a cabeça e sai do quarto com Eleanor atrás dele.

Os dois atravessam o corredor até o final dele, Simon entra em um quarto assustando algumas moças que trabalhavam ali. Elas são dispensadas e ele fecha a porta trancando os dois ali.

— Esse é o quarto da duquesa, aquela porta leva para uma sala em comum com o meu quarto — ele indica. — Espero que seja do seu agrado.

Eleanor olha para o quarto em tons pastéis, uma grande cama no centro, uma penteadeira com um grande espelho, uma escrivaninha e uma lareira que tomava uma parede do quarto com duas poltronas na frente.

— É muito bonito, obrigada.

— Eleanor, sei que não é... — Ele para de falar e se senta em uma das poltronas. — Que esse casamento não é o que desejou.

— Ele é exatamente o que eu desejei, fui eu que o pedi em casamento lembra-se, Vossa Graça?

— Simon, meu nome é Simon.

— Desculpe. — Eleanor torce os dedos nervosa e se senta na beirada da cama. — Os meus sonhos sobre casamento eram todos infantis. Com o tempo não pensei muito nisso, nem mesmo no meu debut, meu pai permitiu que eu me casasse por amor e não por interesse.

— Mas não foi o que aconteceu hoje.

— Não, mas tenho certeza de que ele iria entender.

— Você sabe o que se passa entre um homem e uma mulher em seu leito matrimonial?

— Minha mãe nunca explicou com todas as palavras, mas eu sei que é necessário para se fazer filhos.

— Necessário? — Simon ri e se levanta. — É necessário sim, mas é mais do que isso, infelizmente não temos muito tempo para pensar ou conversar, gostaria que fosse diferente ainda mais você sendo inexperiente, contudo se seu tio chegar aqui com um magistrado e o casamento não tiver consumado, pode exigir uma anulação.

— Eu sei. — Eleanor se levanta e encara os seus pés por um tempo. — Eu não sei o que fazer.

Simon levanta a mão esquerda e faz um carinho no rosto de Eleanor, ela era linda, delicada, merecia alguém melhor do que ele, alguém que não tivesse marcas terríveis pelo corpo. Merecia também que sua primeira vez não fosse correndo contra o tempo.

— Prometo que não vou beijá-la novamente — ele diz baixinho e a gira para abrir seu vestido.

Eleanor pensa em suas palavras tentando processar o fato de que ele não a beijaria novamente, qual era o problema nisso? Scarlett dissera uma vez que Riley a beijara e que havia sido a melhor coisa do mundo. Por que então seu marido não queria beijá-la?

As mãos de Simon abrem o vestido e o empurra para o chão, deixando Eleanor apenas com a combinação que usava, ele pede que ela se deite e enquanto isso retira sua calça, as meias e os sapatos, o paletó e o colete. Ficaria com seus calções e a camisa, principalmente com a luva em sua mão esquerda. Era assim que ele se relacionava com as mulheres que aceitavam ir para a sua cama, não havia outro jeito, bastava apenas uma olhada para seu corpo queimado, cheio de cicatrizes para que elas fossem embora. Simon sabia que Eleanor não poderia fugir, mas não queria assustá-la em sua primeira vez com ele.

Simon se junta a Eleanor na cama, ela encara o dossel fixamente sem saber o que fazer. Não sabia se poderia tocá-lo, ou como seria o ato entre eles. Gentilmente ele se deita sobre ela levantando sua mão para depositar um beijo na palma, o corpo de Eleanor treme sob ele, que fecha os olhos.

— Desculpe assustá-la, prometo ser rápido.

— Eu não sei... — ela sussurra.

— Não sabe o quê?

— Não sei o que fazer, não é medo... quer dizer, tenho medo de fazer alguma coisa errada, mas não é medo de você.

Os dois se olham pelo que se parece um longo tempo, Simon não poderia negar que estava excitado, que deseja possuir Eleanor e fazê-la sua, para que ninguém a leve embora. Mesmo se conhecendo há três dias, no momento que decidiu que se casaria com ela, fez uma promessa de que ficaria com ela para sempre e tentaria tornar o convívio com ele o melhor possível.

— Não a assusto?

Os olhos de Eleanor correm pelo rosto de Simon, ela sabia o que ele queria dizer, as cicatrizes eram assustadoras, mas o lado do rosto intocado pelas chamas era belo, o cabelo loiro quase batendo nos ombros escondia o lado que Simon não queria que ninguém visse.

— Não, como eu disse, já vi monstros piores que você. — Ela tenta sorrir, Simon abre um pequeno sorriso e Eleanor leva sua mão até o seu rosto, mas ele a impede de tocar suas marcas.

— Desculpa machucá-la na primeira vez, mas é algo necessário. — Simon abre os calções e levanta a combinação de Eleanor.

Ela não entendia como ele poderia machucá-la, enquanto segura firmemente a mão direita de Eleanor, para que não toque suas marcas, Simon gentilmente abre suas pernas se encaixando entre elas. Não haveria romance na primeira vez, apenas pressa em consumir o casamento. Ele impulsiona o corpo a penetrando e Eleanor grita de dor, se agarrando a ele com a mão livre.

— Dói — ela resmunga fechando os olhos.

— Me desculpe — ele pede se mexendo lentamente. — Gostaria de poder evitar essa dor.

Simon pôde sentir o corpo de Eleanor tenso sob o seu, a mão livre dela estava fechada firmemente em sua camisa mantendo um aperto de morte por causa da dor. Apesar de querer parar, acabar com aquilo, ele precisava ir até o

fim. Nunca foi seu desejo machucá-la, mas era necessário. Quando finalmente sente seu prazer chegar, ele se entrega e rola para o lado, Eleanor respira pesadamente quando tudo termina.

— Estamos casados?

— Estamos... — Simon para de falar ao ouvir uma batida na porta do quarto.

— Desculpe incomodar, Vossa Graça, mas o senhor tem visitas. Ele disse se chamar Alfie Bartlett e veio com o magistrado.

— Já estou descendo. Obrigado, Haylock.

— Ele veio para tentar me levar embora.

— Veio, mas não se preocupe, não pode fazer mais nada para tirá-los daqui. — Simon se levanta e se veste rapidamente. — Necessito do lençol, querida, ele não vai acreditar a menos que veja a marca de sangue.

Eleanor estranha o que ele diz, mas se levanta sentindo uma pontada de dor entre suas pernas. Ao olhar para o lençol, a marca de sangue parece gritar o que acontecera alguns minutos antes.

— Não se preocupe, é assim mesmo. — Simon recolhe o lençol. — Vou pedir a Sra. Haylock que lhe prepare um banho.

Após sair do quarto, Simon desce as escadas rapidamente. Estava irritado não só com ele mesmo por tê-la machucado, mas também com o tio de Eleanor. Se ele não fosse um maldito interesseiro e um assassino, Eleanor se

casaria por amor e teria uma primeira vez para se lembrar para sempre.

— Boa tarde, Vossa Graça — o magistrado o cumprimenta assim que ele termina de descer as escadas.

Seu mordomo não levou os dois homens para a sala de visitas, o que era bom, resolveria tudo ali mesmo e os dispensaria.

— Em que posso lhes ajudar?

— O Sr. Bartlett acusa o senhor de invadir sua casa e levar seus sobrinhos. Acredito que seja algum engano, é claro.

— Não houve engano algum. Eles estão aqui, mas amparados pela Justiça. Casei-me com Eleanor, a mais velha dos três hoje; e segundo o testamento do pai dela, sou o novo tutor de seus irmãos e o administrador da fortuna e do condado até que o menino seja maior de idade.

— Não dei minha autorização para esse casamento! — Alfie grita a plenos pulmões. — Traga meus sobrinhos agora mesmo.

— Eleanor é maior de idade e assim pode responder por seus atos, como, por exemplo, se casar. Uma licença especial foi solicitada e então nos casamos hoje.

— Vou pedir a anulação. Não vou permitir que ela fique casada com você.

— Sinto lhe informar, mas não tem como pedir uma anulação. — Simon abre o lençol mostrando a marca de sangue para o magistrado. — O casamento foi consumado, não há como voltar atrás.

— Sinto muito, Sr. Bartlett, mas a lei está a favor dele. Se o testamento realmente diz que ele se torna o tutor dos seus sobrinhos, não há o que fazer.

— Vou brigar na Câmara dos Lordes, vou apelar para a Rainha se for necessário.

— Como quiser. — Simon sorri fazendo o homem se contorcer. — Sou o duque de Wentworth, lembre-se disso ao tentar me desafiar. O senhor não tem um título para se fazer valer na Câmara dos Lordes, muito menos para conseguir uma audiência com a Rainha, mas lhe desejo boa sorte. Agora peço que vão embora, o dia foi cansativo para a minha esposa, não gostaria que ela fosse atormentada.

O magistrado faz uma reverência antes de sair e puxa o tio de Eleanor com ele, Simon sabia que o assunto não estaria encerrado, mas ele tinha razão, como duque possuía não só a Câmara, mas também a Rainha a seu favor. Alfie Bartlett teria muito pelo que brigar para tentar anular aquele casamento.

— Sra. Haylock — Simon chama e a governanta se aproxima. — Prepare um banho para a minha esposa, por favor.

— Sim, senhor. — A mulher se afasta para fazer o que Simon pediu e ele vai para a biblioteca, queria ficar sozinho por um tempo, como também desejava deixar Eleanor processar tudo o que acontecera entre eles naquele dia.



— Posso entrar? — Eleanor escuta a Sra. Haylock dizer e permite que a governanta entre no quarto. — Preparamos um banho para a senhora.

Algumas mulheres entram no quarto com baldes e levam até o banheiro para encher a banheira.

— Vou precisar de uma camareira — Eleanor diz sem graça para a governanta, que sorri.

— Vamos providenciar isso, temos algumas meninas trabalhando aqui na mansão, não se preocupe.

— Obrigada. — Eleanor observa a banheira em silêncio.

— Ele a machucou, não foi?

— Como... — Eleanor sente o rosto esquentar e a Sra. Haylock sorri.

— É assim mesmo na primeira vez. Desculpe tocar nesse assunto, sou apenas uma criada da casa, mas me parece que a duquesa está abalada.

— Minha mãe nunca explicou muito bem como funcionava um relacionamento entre uma mulher e seu marido.

A Sra. Haylock dispensa as outras mulheres e ajuda Eleanor a tirar a roupa que vestia e entrar na banheira.

— Muitas mulheres não preparam suas filhas, ou por vergonha, ou porque não sabem como falar sobre isso. Posso ter a liberdade de falar livremente?

— Por favor — Eleanor concorda, a governanta joga um pouco de água em seus cabelos o lavando delicadamente.

— A primeira vez, como eu disse, sempre dói. Mas com o tempo essa dor não existirá mais, sentirá um prazer enorme ao se deitar com seu marido. Claro que as primeiras vezes serão estranhas, pois estará tímida com a presença dele, mas com o tempo conhecerá o corpo do seu marido como se fosse o seu. Saberá como agradá-lo com apenas um toque.

— Ele não permitiu que eu o tocasse.

A governanta suspira e olha para o rosto de Eleanor.

— O duque não permite que ninguém o toque desde os dez anos, não é nada contra você. Como a duquesa precisa aprender a conviver com seu marido, ele também precisa aprender a conviver com a senhora. Tenha calma com ele, o pobre rapaz sofreu muito desde o dia em que teve o corpo queimado.

— O que aconteceu?

— Creio que é algo que ele mesmo deva contar.

A mulher ajuda Eleanor a terminar seu banho e a sair da banheira. Enquanto ela se seca em frente à lareira, a Sra. Haylock sai do quarto para buscar uma camareira.

As chamas na lareira queimam intensamente, assim como os pensamentos de Eleanor em sua mente. Ela desejava saber o que aconteceu com seu marido para que tivesse o corpo queimado, mas pelo visto teria que perguntar diretamente para ele.

— Com licença. — Uma jovem entra no quarto. — Sou Claire, a Sra. Haylock me enviou para ajudá-la.

— Obrigada. — Eleanor sorri para a moça.

Com rapidez e eficiência, a moça ajuda Eleanor a se vestir, secar e prender seus cabelos. Depois de dois anos reclusa morando com seu tio, estava bem arrumada novamente, como na época em que morava com seus pais.

Uma vez pronta, ela vai para o quarto que seria de Charlotte e encontra a irmã sentada em um divã com um livro na mão.

— Como está o James?

— Dormindo tranquilamente, a governanta enviou uma criada para ficar com ele. Os deixei sozinhos, pois não tenho mais medo de que alguém o machuque. Estamos seguros nessa casa, não estamos?

— Estamos sim, minha irmã.

— Como foi? — Charlotte pergunta depois de um tempo analisando a irmã.

— Foi tudo bem, não se preocupe — Eleanor tenta tranquilizar a irmã. — Estamos casados oficialmente e nosso tio não poderá nos levar embora.

— Sinto apenas o fato de que não se casou por amor.

— Quem disse que não foi por amor? Casei-me por amor a você e ao James.

— Mas não ama o seu marido.

— Charlotte, fiz minha escolha. Foi pelo seu bem e o de James e, principalmente, para evitar ser obrigada a me casar com o nosso tio. Nada seria pior do que me casar com ele.

— Mesmo casar com um homem que mal conhece.

— Mesmo isso. Vou conhecer o Simon com o tempo, seremos amigos, futuramente teremos filhos juntos. Estou bem, querida. Não se preocupe. Agora vou deixá-la terminar sua leitura, vou conhecer a nossa nova casa.

— Eleanor — Charlotte chama a irmã quando ela está para fechar a porta.
— Obrigada.

Não é preciso dizer sobre o que ela estava agradecendo, Eleanor sabia que a irmã era grata por tirá-la da casa onde estavam vivendo um verdadeiro inferno. O casamento com Simon fora necessário pela segurança deles. Eleanor não se arrependia, mas sabia que era apenas o primeiro dia de casados, haveria muito ainda pela frente. Contudo, estava determinada a fazer funcionar, pelo pouco que sabia poderia já ter em seu ventre um filho, a quem amaria, e teria certeza de que não viveria momentos de terror como ela e seus irmãos.



Ao descer para jantar, Eleanor se sente insegura, tudo era novo para ela, a mansão do duque era imponente, seu passeio pelos quartos e salas só mostrou o quanto a casa de sua família era pequena comparada a dele.

Havia três salas de visitas, duas de estar, doze quartos, um salão grande para baile, a sala de jantar, um solário na parte de trás da casa e um grande jardim. Ela só conseguia tentar imaginar como seria a casa de campo. Enquanto fazia seu passeio, o fato de ser a nova Duquesa de Wentworth se processava em sua cabeça. Tinha apenas vinte e três anos, e agora era alguém de influência na sociedade.

Ao entrar na sala de jantar, um criado faz uma reverência e se adianta para puxar uma cadeira para ela, Simon entra logo em seguida e se senta ao seu lado.

— Como você está? — Ele olha atentamente para o seu rosto e ela sorri.

— Estou bem, obrigada, tomei um longo banho quente e depois aproveitei para conhecer a casa.

— Desculpa não ter te acompanhado, era meu dever mostrar tudo.

— Não se preocupe, gostei de conhecer tudo sozinha, pude ser curiosa e mexer em algumas coisas — ela diz corando e Simon tenta não sorrir, ele sabia o quanto a assustaria quando sua pele enrugasse ao fazer isso.

— Faltou algum lugar para conhecer?

— Acredito que apenas o escritório, um dos criados me indicou a porta e disse que você estava lá, decidi não o atrapalhar.

— Após o jantar prometo acompanhá-la, a biblioteca fica no escritório.

— Você tem uma biblioteca? — ela pergunta abrindo um sorriso enorme.

— Tenho.

— Acredito que será o lugar favorito de minha irmã. Aquela está sempre com um livro na mão. Por diversas vezes ela pediu para ir a uma livraria, mas nosso tio proibia nossa saída, no início por causa do luto, depois como forma de nos controlar.

— Vou deixar a carruagem a disposição de vocês amanhã, poderão passear à vontade. Enviei uma carta para o contador responsável pelas finanças do seu pai e também para o administrador da casa no campo. Quero ficar a par de como estão as coisas, então provavelmente não sairei amanhã.

— Falando no meu tio, como foi a visita?

— Ele se irritou bastante... — Simon para de falar enquanto um dos criados o serve. — Quis levá-los à força, mas expliquei para o magistrado sobre o casamento, então não houve o que pudessem fazer. Riley está com uma cópia do testamento e me trará amanhã. Mesmo com a lei a nosso favor, não acredito que seu tio vá deixar por isso mesmo. Posso ser tutor do James agora, mas ainda assim se ele morrer seu tio será o novo conde.

— Então ainda há perigo?

— Infelizmente sim.

— Desculpem o atraso, eu estava olhando o James antes de descer. — Charlotte entra lentamente na sala e se senta do lado esquerdo de Simon.

— Não se preocupe, acabamos de ser servidos — Eleanor tenta tranquilizar a irmã.

— O quarto é do seu agrado? — Simon tenta puxar assunto com a moça ao seu lado, que olha rapidamente para ele.

— É sim, ele é lindo. Muito obrigada.

— Se precisarem de alguma coisa, seja o que for, me avisem. Acredito que tenham que encomendar roupas, já que a maioria ficou para trás.

— Realmente será necessário, ainda mais você, Eleanor, precisa de um guarda-roupa novo — Charlotte concorda.

— Por que principalmente eu?

— Agora é uma duquesa, seus vestidos devem ser à altura.

— Não me acostumei com esse fato ainda — ela diz baixinho.

— Procurem a modista amanhã e providenciem roupas novas. Você também, Charlotte, um presente meu para você.

— Obrigada — ela agradece e desvia os olhos tentando não olhar fixamente para o seu rosto.

Simon olha para o seu prato tentando ignorar o desconforto de sua cunhada.

— E a sua irmã? Onde ela está?

— Em nossa casa de campo, imaginei que me casaria e voltaria para lá, por isso a deixei.

— Posso pedir para que ela venha? Tenho certeza de que ela e Charlotte serão amigas e poderão aproveitar esse período até o debute delas, já que serão juntos. Além do mais, acredito que ela tenha uma preceptora?

— Tem sim.

— Charlotte precisa terminar os estudos, poderiam estudar juntas.

— Vou enviar uma carta amanhã, solicitando que ela venha. Daisy ficará animada ao vir para Londres, ela queria me acompanhar, mas eu que não permiti.

Ao terminarem de jantar, Charlotte sobe para o quarto, enquanto Simon acompanha Eleanor até o escritório. Ao entrarem na sala, Eleanor corre até as prateleiras de livros, delicadamente ela passa o dedo pelas lombadas.

— Tínhamos uma biblioteca, mas meu tio quis reformar a sala e se desfez dos livros. Charlotte e eu ficávamos horas naquele lugar.

— Pode usar meu escritório sempre que quiser.

— Obrigada.

Eleanor se senta em uma poltrona em frente à lareira e encara o fogo.

— Algo lhe preocupa? — Simon se apoia na lareira deixando o lado esquerdo nas sombras.

Olhando para o seu marido, Eleanor percebe o quanto ele é bonito, com a cicatriz escondida podia ver o seu rosto como deveria ser, o maxilar forte, os olhos claros. Não havia nada de delicado nele, nem em seu rosto, nem em seu corpo.

— Não, apenas preciso me acostumar que sou uma mulher casada agora, é tudo muito novo.

— Bem como para mim, acho que teremos que aprender juntos. Está cansada?

— Um pouco — ela concorda e Simon se aproxima esticando a mão.

— Vou acompanhá-la até seu quarto.

Os dois sobem juntos para o quarto. Com a mão na de Simon, que era quente, e mesmo somente essa parte se tocando, Eleanor podia sentir a força que ele possui. Ao pararem na porta do quarto dela, Simon a solta.

— Tenha uma boa-noite.

— Você não vai entrar? — ela pergunta confusa.

— A machuquei em sua primeira vez, vou deixar que descanse.

Simon inclina a cabeça e segue para o próprio quarto fechando a porta logo em seguida. Ao entrar no quarto, Eleanor se senta em sua cama. Às vezes, em momentos como esse, sentia a falta da mãe, não fora preparada para o que deveria acontecer entre um casal. E sentia que tudo era ainda mais difícil pelo fato de que o casamento fora rápido e Simon se fechava em alguns momentos.

Sentia que o passado dele ainda o assombrava e a todo momento esperava que alguém o tratasse mal por suas marcas, ele sempre estava pronto para ser atacado ou então rechaçado. E agora, como sua esposa, precisava ter cuidado para não tratá-lo igual.

Era preciso descobrir o que acontecera com seu marido quando era uma criança, seria a única forma de se aproximar dele.



No dia seguinte, Simon acompanha Eleanor e Charlotte até o ateliê da Sra. Flossen, a francesa era a sensação do momento em Londres, as mulheres da alta sociedade disputavam sua atenção e seus vestidos quase a tapas — o que só não acontecia normalmente, pois prezavam as boas aparências. Ao entrar na loja, os três são recebidos por uma das empregadas da modista que vai chamá-la.

— *Bonjour*, em que posso ajudá-los? — ela pergunta com um sorriso, que se fecha logo em seguida ao olhar para Simon.

— Bom dia, gostaríamos de olhar alguns vestidos — Eleanor se adianta tentando atrair a atenção da modista para ela e não para o rosto de Simon.

— Estou com muitos pedidos — ela começa a dizer tentando dispensar os clientes. Eleanor sabia que não estava com um vestido de alta costura e na moda, o que fazia com que a Sra. Flossen a descartasse como uma cliente em potencial.

— Sou o duque de Wentworth, essas são Lady Charlotte Bartlett, minha cunhada, e Eleanor Halsey, minha esposa. — Simon se aproxima tomando a mão de Eleanor e colocando em seu braço. — Estamos aqui porque elas precisam de um guarda-roupa completamente novo, o que significa todos os tipos de peças que venham a precisar.

— É claro, Vossa Graça! — A mulher faz uma reverência exagerada, agora que sabia que estava conversando com um duque tudo mudava. — Vou cuidar de sua esposa e de sua cunhada com toda a atenção que merecem.

— Obrigado, após envie a conta para a Casa Halsey em Mayfer.

A mulher concorda com a cabeça e abre um sorriso enorme. Ela sabia o quanto iria lucrar com Charlotte e Eleanor.

— Vou deixar a carruagem a sua disposição, o escritório de Riley é aqui perto, vou até lá para saber como anda a documentação e depois vou para casa, divirta-se e não se preocupe com o valor. — Simon leva a mão de Eleanor até os lábios, uma vez que ela estava de luva ele não precisava tomar cuidado em não tocar a parte retorcida de seus lábios na pele de Eleanor.

Simon se despede da modista e de Charlotte e sai da loja se afastando rapidamente e com elegância pela rua.

— *Mon Die*, não consigo imaginar me casar com um homem como ele — a modista diz levando a mão ao peito. — Imagine ser obrigada a olhá-lo todos os dias e ter que beijá-lo ou então ter que aceitá-lo em minha cama. — Ela estremece. Charlotte olha para Eleanor sem acreditar que a mulher tivesse coragem de falar algo do tipo na presença delas. — Bom, venham, minhas queridas, vou tirar as medidas e mostrar alguns modelos.

— Creio que isso não será possível — Eleanor diz. — Caso tenha se esquecido, Sra. Flossen, aquele era o duque de Wentworth e eu sou sua esposa. Escutei cada palavra que disse. Se acredita realmente que ficarei aqui e farei vestidos com a senhora, deve estar mais maluca do que imagino que seja. Vamos embora, Charlotte.

— Sou a melhor modista de Londres! — a mulher praticamente grita ao constatar que estava perdendo uma grande soma de dinheiro.

— E isso não lhe dá o direito de dizer coisas desagradáveis, ainda mais de meu marido. Tenha um bom-dia.

— O que vamos fazer agora? — Charlotte pergunta ao saírem da loja.

— Vamos encontrar outra modista. Tenho certeza de que ela não é a única em Londres.

Eleanor avisa ao cocheiro que procurarão outra modista, e caso ele quisesse poderia esperar ali mesmo. O homem concorda e as duas se afastam da carruagem.

— Outras pessoas pensam igual aquela mulher?

— Infelizmente sim, Charlotte. A nossa sociedade gosta de julgar as pessoas sem conhecê-las, ainda mais se existe algo que as diminua, ou seja estranho. O rosto de Simon não é algo que possa ser escondido, como ele faz com o braço e a mão.

— Não imagino o quanto ele deve ter sofrido com os olhares de repulsa ou palavras aviltantes como aquelas que a modista disse.

— Ele sofre com isso desde os dez anos, é de se admirar que tenha decidido se casar depois de tanto tempo. Scarlett disse que ele viveu recluso em sua casa no campo por todo esse tempo. Agora, como sua esposa, tenho que ser alguém que o apoie e não aceite que seja tratado assim.

— Confesso que a princípio também me assustei, ainda fico insegura em como falar com ele sem tirar meus olhos das marcas. Creio que ontem o deixei irritado por não olhar para ele.

— Acredito que ele entende, querida, precisamos apenas de tempo para acostumar. Além do mais, se você olhar para o lado intacto perceberá o quanto ele é bonito.

— Vou reparar, já que minha irmã e esposa dele permitiu — Charlotte brinca. — Esse é um ateliê. — Ela aponta para uma janela e as duas entram na loja.

— Bom dia, em que posso ajudá-las? — uma moça por volta dos trinta anos pergunta com um sorriso.

— Bom dia, sou Eleanor, a Duquesa de Wentworth, e essa é a minha irmã Lady Charlotte Bartlett, precisamos de um guarda-roupa completamente novo. — A moça arregala os olhos e fica sem jeito.

— Sou apenas uma modesta modista, creio que a Sra. Flossen possa atendê-las melhor.

— A Sra. Flossen é uma linguaruda! — Charlotte reclama.

— Charlotte! — Eleanor dá um leve tapa no braço da irmã.

— Estou dizendo a verdade. Ela perdeu completamente nosso respeito e o direito de fazer roupas para uma duquesa — ela diz a jovem mulher.

— Antes de nos dispensar, por favor, nos mostre alguns modelos — Eleanor pede.

— É claro, aliás, sou Annora Bower, estes são alguns modelos que já costurei. — Ela entrega alguns desenhos. — E temos alguns tecidos muito bonitos, temo apenas que não seja nada elegante digno de uma duquesa.

— Se eu gostar de algum modelo, isso não impede que você encomende o tecido, veremos isso depois. — Eleanor sorri.

— Olha esse que lindo! — Charlotte entrega um desenho para a irmã.

O vestido realmente era lindo, com mangas curtas, em um tom de verde folha com detalhes em dourado.

— Esse modelo é maravilhoso. — Eleanor entrega o desenho para Annora. — Acredito que temos uma encomenda para fazer, não apenas de vestidos, mas de todo um guarda-roupa.

Depois de uma hora escolhendo modelos, tecidos, tirando medidas, Eleanor e Charlotte saem do ateliê, deixando Annora desorientada. A moça não conseguia acreditar no grande pedido de roupas que recebera e,

principalmente, a alta soma que receberia por ele. As duas saem da loja e Eleanor atravessa a rua com sua irmã.

— Quer um sorvete? — Eleanor pergunta com um sorriso em frente ao Gunter's.

— Eu não quero engordar ainda mais.

— Você não é gorda, Charlotte, para de pensar assim. Você é linda, minha irmã, e nós vamos tomar um sorvete. Meu marido deu algum dinheiro e disse para aproveitar o nosso dia.

— Seu marido está se saindo muito bem em querer nos agradar.

— Por algum motivo acredito que ele queira nos ganhar com o seu dinheiro, presentes, para compensar o fato de que não se acha bonito.

Depois de fazerem os pedidos, elas se sentam em uma mesa.

— Não acho que ele tenha que compensar alguma coisa. E como eu disse, o acho muito bonito.

— Talvez deva falar isso para ele, quem sabe seu marido não acabe acreditando?

— Não acho que o trauma de anos passe tão rápido assim, Charlotte.

— Não custa tentar. — Eleanor observa a porta da sorveteria se abrir e três mulheres entrarem. Enquanto elas vão ao balcão, seus olhos os acompanham. — Quem são?

— Aquela é Katherina, Scarlett me contou sobre ela. Alguns anos atrás, ela se casou e o noivo morreu alguns minutos depois do casamento, no ano seguinte ela ficou noiva novamente e ele morreu um dia antes da cerimônia.

— Ela tem alguma maldição por acaso? — Charlotte ri.

— Não sei. Mas tenho certa compaixão por ela. Imagina perder dois noivos assim?

— Não desejo essa sorte. — Charlotte treme levemente. — O que vamos fazer agora? Voltar para casa?

— Que tal irmos até a loja de departamentos Lavelly's? Sempre quisemos ir até lá, mas nosso tio nunca permitiu.

Eleanor e Charlotte se levantam e vão para a loja, não era a hora do almoço ainda, e estavam se divertindo passeando pela cidade. Durante dois anos tiveram suas vidas controladas pelo tio, agora poderiam se divertir à vontade.



A loja de departamento Lavelly's era o paraíso de consumo para as mulheres independente de que classe social pertencesse. O dono Aiden Lavelly não possuía títulos, era apenas um homem comum que, com muita determinação, transformou a pequena loja do pai em algo enorme. Claro que ele possuía concorrentes na cidade, mas o seu carisma e o fato de ainda atender alguns clientes pessoalmente o tornaram preferência de compras na cidade.

O grande prédio que pegava metade de um quarteirão abrigava diversos itens, e o que não possuía o dono iria atrás para agradar os clientes.

Eleanor e Charlotte passeiam entre os diversos itens, parando para analisar atentamente alguns deles. Enquanto a menina compra um leque e um par de luvas, Eleanor busca um presente especial para Simon. Queria agradecê-lo de alguma forma por ter lhe ajudado, sacrificando-se em casar com ela. Provavelmente, ele poderia encontrar alguém muito melhor e sem problemas como ela estava.

— O que está procurando, minha bela jovem? — um rapaz alto, loiro e com um sorriso que parece nunca sair de seus lábios pergunta para Eleanor.
— Temos de tudo e se não encontrar o que deseja irei pessoalmente providenciar.

— Deixe-me adivinhar, Sr. Lavelly? — Eleanor pergunta e ele inclina a cabeça.

— Seu humilde servo. E então, senhorita, o que deseja?

— Na verdade é senhora, casei-me ontem. Sou Eleanor Halsey, Duquesa de Wentworth. Essa é minha irmã Charlotte Bartlett.

— Mil perdões, Vossa Graça. — Ele faz uma mesura. — Erro meu. Senhorita Bartlett — ele cumprimenta Charlotte. — Minha proposta continua de pé. Em que posso lhe ajudar?

— Estou procurando um presente especial para o meu marido. Algo digno de um duque, mas ao mesmo tempo simples, para ser entregue por uma esposa.

— Missão difícil. — Aiden pensa um pouco e indica para que lhe acompanhem. — Normalmente sugeriria algo pomposo, mas quem dá esses presentes são pessoas tentando ganhar vantagem de alguém como seu marido. Por isso sugiro algo mais simples, mas de extremo bom gosto. Um presente que somente uma esposa poderia dar. Temos cartolas, lenços, luvas, bengalas — ele indica os itens e Eleanor pega um par de luvas pretas.

— Ele sempre está de luvas — ela diz baixinho.

— Perdoe a minha indiscrição, mas o duque de Wentworth não é o duque que chamam de monstruoso?

— É sim, mas ele não é um monstro — Eleanor responde nervosa.

— Claro que não é, se ele fosse um monstro não estaria casado com um anjo. — Aiden sorri novamente. — Acredito que as luvas seriam um ótimo presente.

— Elas são muito bonitas, Eleanor — Charlotte concorda.

— Está certo, vou levá-las.

Aiden entrega as luvas para o vendedor embrulhá-las e Eleanor paga por elas.

— Tenho certeza de que ele gostará do presente. Se precisar de alguma outra coisa volte aqui. Será um prazer atendê-las novamente. — Ele se afasta, mas volta logo em seguida. — Traga seu marido, aqui ele será tratado como um comprador comum, e não como um monstro como a sociedade gosta de dizer. Não me importa a classe social, se possui mais dinheiro do que possa contar. Aqui todo cliente é igual. Ele será tratado com o respeito que um duque merece, mas mais do que isso, será tratado como um homem.

— Obrigada, Sr. Lavelly, pode acreditar que acaba de ganhar de uma cliente fiel — Eleanor agradece de coração e o Sr. Lavelly vai embora.

— Somente agora parei para pensar que talvez Simon seja visto como um monstro onde quer que ele entre — Charlotte comenta com a irmã enquanto saem da loja.

— Acredito que seja por isso que ele sai tão pouco de casa.

Ao retornar para casa, Eleanor entrega seu chapéu, as luvas e a bolsa para a criada e vai até o escritório onde lhe informaram que Simon estaria.

— Posso entrar? — Eleanor pergunta abrindo a porta e Simon tira os olhos do livro que estava lendo.

— Claro que sim, como foi o passeio? — Ele pousa a pena que usava para escrever sobre a mesa.

— Tomamos sorvete e depois fomos até a Lavelly's, nunca tínhamos ido até lá — diz animada.

— E as roupas? — Simon observa Eleanor caminhar até ele e se apoiar em sua escrivaninha.

— Não espere por contas a pagar da Sra. Flossen, me recusei a fazer roupas com ela. Outra modista enviará os valores.

— O que houve? — Ele se levanta preocupado e Eleanor examina seu rosto.

— Não gostei da forma que ela lhe tratou depois que foi embora. Então desisti de comprar qualquer coisa em seu ateliê.

— Eleanor, é comum que as pessoas me olhem torto, me menosprezem...

— Pode ser normal, Simon, mas agora é meu marido. E como sua esposa é meu dever protegê-lo da mesma forma que você me protege do meu tio. Ninguém irá falar mal de você na minha frente. Não vou permitir.

Simon não tem palavras após escutar Eleanor, nunca em sua vida alguém tomara a decisão de protegê-lo de palavras duras, de risadas, ou olhares tortos. Agora uma pequena moça estava determinada a lutar contra o mundo por ele.

— Obrigado, Eleanor.

— Comprei-lhe um presente. — Ela entrega o embrulho e ele abre curioso. — Achei que eram lindas.

Simon olha para as luvas pretas por um tempo em silêncio, sua mão esquerda estava constantemente com luvas, para que ninguém visse as marcas que ali eram piores, já que ele tentara apagar as chamas com a própria mão.

— Obrigado, são realmente lindas.

— Simon? — Ele olha para ela quando para de falar e pode ver sua indecisão se deveria perguntar ou não. Sabia que ela estava curiosa sobre o que aconteceu com ele.

— Outra hora explico, Eleanor, não quero estragar esse momento, depois de ter recebido um belo presente e, principalmente, minha esposa dizer que me protegeria com unhas e dentes. — Ele sente os lábios dispostos a sorrir, mas tenta se segurar.

— Você...

— Eu?

— Nada, não vou mais te atrapalhar, mais tarde vou visitar Scarlett para o chá da tarde.

— Está bem. — Simon observa a esposa sair relutante do seu escritório.

A curiosidade dela era grande, tinha todo o direito de saber a verdade sobre o que aconteceu com ele aos dez anos de idade, mas era difícil lembrar daquele dia em que toda a sua vida mudou. O passado sempre afetara sua vida e agora pairava como uma nuvem negra sobre o seu casamento. Por mais que quisesse ter um relacionamento íntimo com a esposa, o medo de ser rechaçado por ela era enorme. Não suportaria viver ao seu lado todos os dias vendo a sua cara de descontentamento ou de nojo ao ser tocada por ele.

Por anos sofreu com os olhares e sussurros sobre ele. Sua estadia no colégio fora difícil, pois arrumava confusão todos os dias, aprendera com o tempo a se defender das provocações, até que fez um amigo. Riley estava ao seu lado o defendendo, fora o único a se tornar seu companheiro e o aceitar com marcas e tudo. Havia duas pessoas em quem ele confiava cegamente: Daisy, sua irmã, e Riley.

Agora, depois de ouvir a forma como Eleanor falava, acreditava que poderia confiar em mais alguém, sua esposa parecia não suportar a forma como o tratavam, o seu único medo era que tudo mudasse quando finalmente visse cada marca em seu corpo. Seu lado esquerdo estava praticamente destruído, algumas vezes sentia dor, pois a pele era mais sensível.

Não foi fácil suportar todos esses anos, ainda mais sem alguém ao seu lado o confortando ou simplesmente o apoiando. Mesmo que seu coração e a

sua mente houvesse se endurecido com o tempo, ainda desejava uma esposa com quem pudesse se sentar na sala em silêncio lendo um livro, ou conversando tranquilamente sobre nada.

Ao olhar para as luvas em sua mão, seu peito se aperta com o desejo de quem sabe Eleanor fosse finalmente a esposa que desejava, um anjo enviado especialmente para ele.



Eleanor poderia dizer que estava frustrada e ao mesmo tempo irritada, queria saber o motivo de Simon ter aquelas marcas, queria entender o que o levava a ser desse jeito fechado algumas vezes.

Depois de passar no quarto de James e verificar como o irmão estava, pediu que a levassem até a casa de Scarlett, durante o caminho não conseguia parar de sorrir ao sentir a liberdade de poder sair a hora que quisesse, com o tio tudo sempre era controlado. Ao chegar à casa da amiga, o mordomo a leva até a sala de visitas onde Scarlett e a mãe estão.

— Como é estar casada? — Scarlett pergunta assim que se sentam.

— Não sei direito, só tem um dia que estamos casados e com o tanto de coisas acontecendo não tive tempo de pensar nisso ainda. Ontem mesmo meu tio foi até a Casa Halsey para tentar nos levar embora, o Simon foi obrigado a comprovar que o casamento foi consumado para o magistrado, senão ainda estariam brigando.

— Fora isso, você está bem? — Georgianna pergunta e Eleanor suspira.
— O que houve, querida? Sabe que estou aqui para tudo o que precisar, sua mãe era a minha melhor amiga e por isso tenho um carinho especial por você e seus irmãos.

— Acho que está tudo bem, não sei como funciona direito essas coisas de marido e mulher, passei a noite pensando no assunto, mas não cheguei a conclusão nenhuma.

— Pensando? E onde estava seu marido? — Georgianna pergunta preocupada.

— No quarto dele, disse que provavelmente eu estaria com dor e por isso dormiria em seu quarto. Não entendi muito bem.

— É normal, querida, a primeira vez sempre dói, não tem como evitar. Mas com o tempo as coisas... — ela para de falar e parece procurar as palavras. — Com o tempo as coisas melhoram, se o homem claro se dedica a isso. Alguma coisa lhe assustou?

— Não, apenas achei estranho...

— O quê?

— Ele ficou de roupa, é assim mesmo? — Eleanor pergunta sem graça.

— Não, não é. — Georgianna sorri. — Ele tem vergonha das marcas, não tem? Provavelmente foi isso. Não queria lhe assustar.

— O que eu faço? Algumas vezes ele parece se afastar. Hoje conversamos um pouco e ele pareceu se retrair.

— Como você mesma disse é apenas o primeiro dia de casados, você não foi cortejada, não conversaram bastante antes. Scarlett e Riley conversam praticamente todos os dias, já se conhecem, então para eles as coisas serão mais fáceis. Meu conselho é que tente criar momentos em que fiquem sozinhos e assim conversem, se conheçam. E com o tempo você saberá o que lhe agrada, o que lhe irrita. Saberá até mesmo como dobrá-lo a fazer algo que você queira, como toda mulher casada. Mas tudo isso vai requerer tempo e paciência.

— Obrigada.

Georgianna se levanta de sua poltrona e se senta ao lado de Eleanor a abraçando.

— Se tiver alguma dúvida me procure, agora preciso perguntar uma coisa. Como a sociedade não sabe ainda que estão casados, pensei em dar um baile em comemoração ao seu casamento aqui em casa. O que acha?

— Aqui?

— Iria sugerir que fosse em sua nova casa, mas se for lá você e o duque serão os anfitriões, aqui se alguma coisa acontecer ou alguém faltar com o respeito ao seu marido, poderão simplesmente ir embora.

— Minha mãe tem razão, Eleanor.

— Vou conversar com o Simon e respondo depois.

— Não tem pressa, querida. Conversem com calma.

Ao sair da casa de Scarlett, depois do chá, Eleanor se sentia mais tranquila, conversar com Georgianna a acalmou, sentiu como se tivesse falado com a própria mãe. Seguiria o seu conselho, conversaria sobre qualquer assunto com o Simon, se tornariam amigos e, quem sabe, com o tempo ele se abriria com ela e os dois se sentissem mais confortáveis na presença um do outro.



Ao retornar para casa, Eleanor sentia que estava em uma missão especial, faria de tudo para conhecer o marido, mesmo que fosse aos poucos, não queria forçar uma situação constrangedora e fazer com que se afastassem ainda mais. Desde pequena admirara o relacionamento dos pais, eles se amavam de verdade, seu pai nunca levantara a voz para a esposa, estavam sempre rindo, brincando e até mesmo em alguns momentos Eleanor presenciara troca de carinhos.

Era isso o que sempre desejara para si, por isso o pai concordara em deixar que escolhesse seu noivo sem pressa. Ela não queria um casamento arranjado ou forçado, queria se casar por amor e o pai permitira. Infelizmente, o seu destino foi outro e acabou se casando com Simon sem amor. Mas estava determinada a, pelo menos, ter uma relação de amizade com seu marido.

Durante o jantar, Eleanor pensava em mil maneiras de fazer com o que o marido ficasse e conversasse com elas. Quando terminam de comer, Charlotte sobe para o quarto os deixando sozinhos.

— O que vai fazer agora? — Eleanor pergunta assim que Simon se levanta.

— Vou para o meu escritório — responde confuso.

— Eu pensei em conversarmos um pouco, nos conhecer melhor. Não precisamos falar sobre o seu acidente ou qualquer outra coisa que não queira.

— De acordo. — Simon se inclina um pouco fazendo uma reverência e puxa a cadeira para ela. Após dar o braço para Eleanor os dois vão para a sala, onde a lareira estava acesa aquecendo o ambiente. — Sobre o que deseja conversar?

— O que acha de falarmos sobre nossa infância? Eu falo alguma coisa hoje e amanhã você. — Eleanor percebe que Simon fica nervoso e aperta a mão dele que está próxima a ela. — Então... — Ela pensa um pouco e abre um sorriso. — Quando eu era pequena adorava pescar com o meu pai, eu o acompanhava todas as vezes e por um bom tempo era só nós dois, mas aí um dia Charlotte cresceu e decidiu que iria junto. Fiquei furiosa por não ter o meu pai só para mim. Então, um dia quando meu pai não estava olhando, empurrei-a para o lago de tão nervosa que estava, porque ela o chamava toda hora para ajudá-la. Meu pai pulou atrás dela na mesma hora. Depois ela ficou gritando que eu a tinha empurrado.

— E você ficou ainda mais brava porque ela tinha te entregue para o seu pai.

— Exato, fiquei de castigo por três dias, não poderia sair para brincar. No segundo dia, meu pai me chamou para ir ajudá-lo com alguma coisa do lado de fora da casa. Cinco minutos depois estávamos correndo e rolando no chão.

Quando viu, minha mãe ficou brava e brigou com o papai porque eu estava de castigo. Só que ele tinha esquecido completamente disso.

— Seu pai te amava — Simon afirma.

— Minha mãe também. Erámos muito amigos, acreditava que nada poderia nos machucar. Mas um dia meus sonhos e esperanças caíram por terra quando eles foram mortos. Uma carruagem com cavalos desgovernados os atingiu, meu pai morreu na hora, minha mãe algumas horas depois. A camareira da minha mãe veio trazer a notícia. Eles estavam retornando de viagem e pararam em uma estalagem para descansar e trocar os cavalos. E foi assim que chegamos aqui hoje.

— Não sei se possuo histórias como a sua, minha infância foi difícil, ainda mais depois dos dez anos.

— Tenho certeza de que alguma história você tem para contar. Você tem uma irmã, não tiveram nenhuma traquinagem?

— Crescemos separados, até que meu pai faleceu. Eles... — Simon para de falar e encara as chamas.

— Não precisa falar nada hoje, Simon, eu só inventei essa conversa porque queria passar um pouco mais de tempo com você. Quero ter uma amizade com o meu marido.

Simon olha para Eleanor e faz um carinho em seu rosto com a mão enluvada. Era a única forma que ele tocaria nela com a mão esquerda.

— Também quero que sejamos amigos. Apesar de não ter sonhado em me casar, houve um tempo em que desejei uma família, abandonei esse desejo por um tempo e somente agora com a minha irmã perto de debutar na sociedade é que voltei a pensar nisso. Mas...

— Mas o que você passou quando criança influencia no homem que é hoje.

— Exatamente. Apesar de algumas vezes não me reconhecer perto de você. Normalmente não estaria sentando em um sofá conversando com alguém, ainda mais de mãos dadas — Ele olha para as mãos unidas. — Você me acalma de uma forma que não entendo.

— Espero que o acalme o suficiente para confiar em mim. Não precisa contar tudo agora, mas um dia quem sabe se sinta confortável para falar. Eu vou esperar.

Simon observa Eleanor atentamente, os dois eram tão diferentes, a única coisa em comum é que haviam sofrido terrivelmente, ele não poderia comparar as queimaduras em seu corpo com a morte dos pais de sua esposa. Ele sabia que provavelmente para ela tinha doído tanto quanto ele ao sentir sua pele derreter sob as chamas. Ela merecia saber sua história, mas não se sentia pronto ainda para contar. Quando sua esposa sorri novamente e abaixa os olhos para as duas mãos juntas, ele sente o quanto gostaria de levá-la para o quarto. Para ter a primeira vez realmente, sem pressa por uma consumação, sem criados batendo na porta, queria dar uma experiência especial para Eleanor. Mesmo que ele não tirasse a roupa na hora. Ficar nu em frente à Eleanor a assustaria ou faria com que tivesse uma reação muito pior.

— Está cansada?

— Não, por quê? — Simon se levanta sem soltar a mão dela e a guia lentamente pela casa até o quarto que ela ocupava.

Se fosse honesto confessaria que não desejava quartos separados, queria poder dormir com a esposa todas as noites, mas não queria que ela tocasse as marcas do seu corpo, e ele sabia que se dormissem juntos, um dia ela veria as cicatrizes.

Ao entrarem no quarto, Eleanor se afasta até a penteadeira e se senta soltando os grampos dos cabelos, deixando que os cachos caiam sobre as suas costas, decidida a fazer com que o marido se aproximasse dela não só naquela hora, mas intimamente, entrega uma escova para ele pedindo em silêncio que escove seus cabelos.

Simon se posiciona atrás de Eleanor e lentamente escova seus cabelos, sentindo os fios sedosos se espalharem. Ele tocava apenas o cabelo de Eleanor, mas sentia como se tocasse seu corpo, tamanha a intimidade, os olhos de sua esposa estão fixos nele através do espelho e ele não deseja mais esperar. Deixando a escova de lado, ele empurra os cabelos sobre o ombro de Eleanor e abre os botões do vestido revelando o corpete.

Eleanor se levanta e ainda de costas para Simon espera até que ele solte os cordões do corpete, o vestido já estava no chão, um amontoado de tecido aos seus pés, o corpete se junta ao vestido e Eleanor fica apenas de combinação, uma longa camisola que usava por baixo do vestido. Ela gira para olhar Simon e tomando coragem puxa a camisola lentamente até estar completamente nua em frente a ele.

Um ar gelado bate em seu corpo e Eleanor treme levemente fechando os olhos. Era a primeira vez que estava nua em frente a um homem. Quando acredita que Simon não vai fazer nada, sente a mão enluvada dele tocar seu pescoço descendo lentamente em direção aos seios.

— Você é linda, e eu não a mereço.

— Pois adivinha — ela sussurra abrindo os olhos. — Eu sou sua.

Eleanor abraça Simon pela cintura e sente os braços dele a envolverem. As mãos dele ficam quietas por um momento, mas não demoram a passear por seu corpo, ela se afasta um pouco de Simon e empurra o seu paletó o jogando ao chão, o lenço tem o mesmo destino, mas ao tentar abrir a camisa Simon segura suas mãos.

— A camisa não.

— Por quê?

— Eu... — Simon tenta se afastar, mas Eleanor o segura.

— Ok, a camisa fica. Não vai embora, por favor.

Simon levanta Eleanor nos braços e a leva para cama a deitando. Ele se senta ao lado dela e retira as botas e as meias, a calça é jogada sobre o monte de roupas e ele sobe na cama usando camisa e os calções. A mesma forma que fora no dia anterior. Ele se deita sobre Eleanor e resiste à vontade de beijá-la.

— Posso fazer uma pergunta? — Eleanor toca os ombros de Simon e ele suspira.

— Claro que sim.

— Por que prometeu que não me beijaria?

— Olhe para a minha boca, Eleanor, ela é marcada, retorcida no lado esquerdo. Eu sei que você sentiu repulsa ao me beijar em nosso casamento.

— Eu? — ela pergunta confusa tentando lembrar do beijo que fora tão rápido.

— Senti seu corpo tremer ao meu toque.

— Simon... — ela para de falar e ri.

— O que é engraçado?

— Eu tremi porque fora o meu primeiro beijo, nunca havia sido beijada. Foi um ato involuntário, não foi por repulsa.

Simon fica em silêncio sem acreditar que alguém tão linda como Eleanor não fora beijada. Aproveitando que o marido está perdido em pensamentos, Eleanor segura o seu rosto e beija levemente seus lábios. Ela pode sentir o lado deformado, mas sua mente não processa nada do tipo, a única coisa que consegue pensar é o quanto gostaria de ser beijada de verdade.

— Me beija, Simon — ela sussurra e Simon que estava sustentando o corpo para não pressioná-la na cama, deixa os corpos se colarem e o seu peso cair sobre ela.

Jogaria as razões pelas quais não deveria beijá-la ao vento, e sentiria o calor do seu corpo junto ao seu. Simon cola os lábios sobre os de Eleanor sentindo a maciez dos lábios dela, sua língua toca a pele a instigando a se abrir para ele e não demora muito para que ela corresponda. Os suspiros de Eleanor parecem música aos ouvidos de Simon, enquanto se perde no beijo, sua mão direita corre pelo corpo de Eleanor, sentindo a pele delicada. Por onde a mão passa pode sentir Eleanor reagir ao toque. Por um momento sua mente se perde e o pensamento de que ela não deseje suas mãos sobre ela o atinge, mas logo é esquecido quando as pernas dela envolvem seu corpo, e ela solta um gemido angustiado.

— Simon, me toque — ela pede ao ter sua boca livre.

Simon beija o pescoço de Eleanor descendo lentamente pelo corpo depositando beijos, os seios pequenos o provoca como se quisessem desesperadamente sua boca, o que ele prontamente obedece. As mãos de Eleanor agarram sua camisa o puxando de volta para ela, Simon abre seus calções e a penetra lentamente. A mão direita de Eleanor procura a barra de sua camisa para tocar em sua pele, mas ele a impede agarrando a mão e a levando para cima de sua cabeça.

Com uma das mãos presa, Eleanor tenta se agarrar ao máximo a Simon, que se mexe lentamente, sem parar de beijar seu rosto, pescoço e ombros. Era como se um beijo não fosse suficiente, como se ele desejasse uma intimidade como essa tanto quanto ela. Eleanor pôde sentir pela primeira vez seu corpo

querendo se entregar ao desconhecido, se libertar de algo que a aprisionava sem seu conhecimento. Com mais alguns movimentos do quadril de Simon, Eleanor se perde do seu mundo e solta um grito angustiado, não por dor, por repulsa, mas um grito de prazer e de angústia porque o momento de maior intimidade deles chegara ao fim.

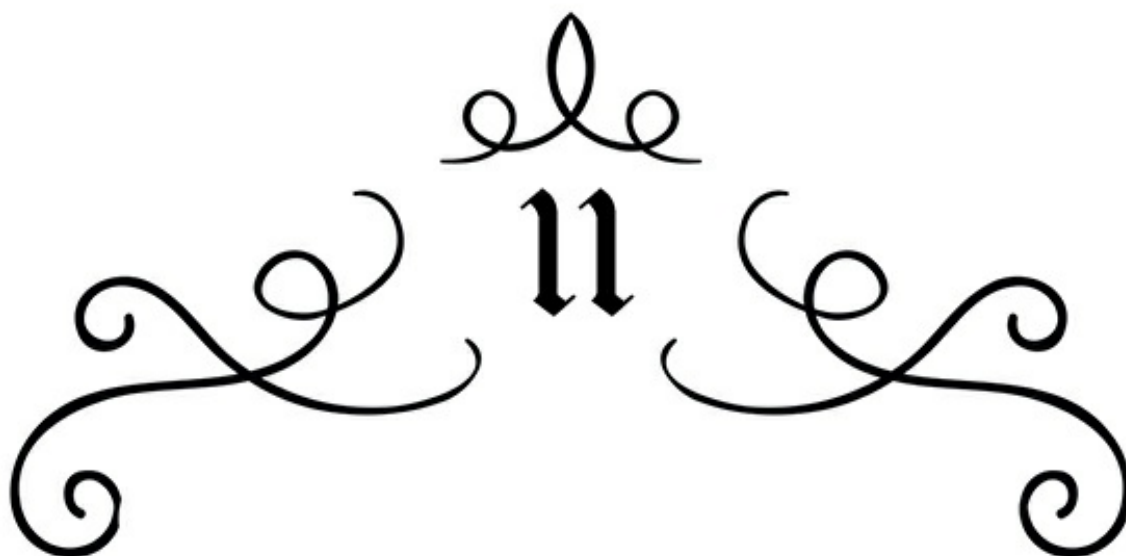
Ao sentir a libertação de Eleanor, Simon se entrega deixando sua semente dentro dela, criando quem sabe seu herdeiro, um filho a quem ele amaria, protegeria e ensinaria a ser um bom homem. Um filho que teria um pai melhor do que o seu fora.

Eleanor abraça Simon que para de se mexer, o peso dele não é sufocante, o fato de ele ainda estar dentro dela não a apavora, é de uma certa forma até prazerosa. Simon gira o corpo sem se soltar e permite que ela se deite sobre ele. Com delicadeza, ele joga os cabelos dela de lado para poder olhar para o seu rosto.

— Te machuquei?

— Não. — Ela sorri e se ajeita sobre o seu corpo. — Não ouse se levantar, estou confortável. — Ela coloca a mão sobre peito dele, diretamente sobre o coração.

Simon levanta a mão para retirar a de Eleanor, mas desiste no meio do caminho a abraçando pela cintura. Ela era sua esposa, havia o beijado sem medo ou nojo, estava confortável sobre ele. O momento de intimidade era exatamente o que desejara por tanto tempo. E ele seria um maldito bastardo que queimaria no inferno se empurrasse Eleanor e se soltasse do seu abraço. Ele gostava de ficar abraçado a ela, e não sairia dali tão cedo.



Eleanor temeu que durante a noite Simon a deixasse e voltasse para o seu quarto, mas para a sua surpresa ele passara a noite toda com ela, e por duas vezes a acordara. Estava cansada, com sono, o corpo dolorido pelas atividades da noite, mas estava feliz. Sabia que o seu marido tinha traumas por causa das marcas, não gostava que ela o tocasse nas queimaduras. Mas mesmo assim passara a noite toda ao seu lado.

Pela manhã, quando finalmente o sono chega, sente os lábios de Simon beijando a sua coluna delicadamente.

— Vou para o meu quarto me vestir. Se estiver muito cansada, pode dormir até mais tarde.

— Não. — Eleanor se espreguiça. — Quero tomar café da manhã com você e depois ficar um tempo com o James e a Charlotte.

— Está bem, vou pedir para a sua camareira subir.

Após se vestir com a ajuda da camareira, Eleanor desce até a sala de refeições, onde encontra Simon com uma xícara de chá lendo o jornal. Enquanto se serve, Charlotte entra na sala e cumprimenta os dois.

— Bom dia.

— Bom dia, Charlotte — Simon responde e a menina sorri para ele, já se sentindo um pouco mais confortável com o cunhado.

— Simon, esqueci completamente de falar ontem, Lady Georgianna Wright está disposta a dar um baile em homenagem ao nosso casamento. Sugeri que fosse em sua casa.

— E por que não fazem aqui? — Charlotte olha confusa para a irmã.

— Porque se Simon se sentir constrangido podemos inventar uma desculpa e vir embora, se for aqui teremos que ficar até o final.

— Não poderia tirá-la da sua festa, Eleanor, não seria certo.

— Não me importo com o que vão pensar, Simon, você é o meu marido e é a minha prioridade. Então, se alguém falar algo desagradável e quiser vir embora, venho com você. E então, vamos aceitar?

— Se fosse só por mim, eu não aceitaria, mas quero que você tenha uma festa pelo nosso casamento, então sim, pode aceitar o baile em nossa homenagem. — Simon se estica para pegar a mão da esposa.

— É uma pena que não vou poder acompanhá-los, adoraria ir a esse baile.

— E se darmos um pequeno jantar em nossa casa, apenas com alguns amigos? Assim você pode participar. — Eleanor sorri para a irmã. — Você mandou avisar Daisy para vir a Londres?

— Enviei uma carta ontem — Simon assente.

— Excelente, então assim que ela chegar daremos o jantar. Teremos nossos irmãos presentes. — Eleanor deixa o sorriso morrer e Simon aperta sua mão.

— Ele vai se recuperar, Eleanor, e logo estará correndo por essa casa e a nossa casa de campo. Não perca as esperanças — ele diz sabendo que Eleanor se preocupava com o irmão. — Só o fato de ter resistido por tanto tempo, mostra o quanto ele é forte.

— Com licença, Lady Halsey. — A Sra. Haylock entra na sala de jantar. — É o menino.

— O que houve, Sra. Haylock? — Eleanor se levanta rapidamente e Simon se posiciona atrás dela.

— Ele acordou, está fraco, mas acordou.

— Mande alguém chamar o médico, Sra. Haylock — Simon pede e acompanha a esposa para o quarto de James com Charlotte atrás deles. Os três entram no quarto e, sem perder um minuto, Eleanor corre até a cama sentando ao lado do irmão.

— James?

— El... — o menino diz com dificuldade.

— Estou aqui, meu amor, vai ficar tudo bem.

— Dor...

— Já chamamos um médico, não se preocupe — Charlotte diz ao irmão sentando ao lado oposto de Eleanor.

— Não se preocupe, James, a dor vai passar. Por que não descansa um pouco?

— Melhor não. — Simon se aproxima e coloca a mão sobre o ombro de Eleanor. — Se ele dormir pode acabar ficando inconsciente novamente, o melhor é que fique acordado, assim pode dizer ao médico o que está sentindo.

James olha para Simon e seus pequenos olhinhos mesmo que ainda fracos pela dor que sente se fixam nele.

— Este é o Simon, meu marido — Eleanor explica fazendo um carinho nos cabelos do irmão. — Não moramos mais com o nosso tio.

Durante longos vinte minutos, Eleanor e Charlotte a todo custo evitaram que o irmão dormisse, enquanto Simon ficava do outro lado do quarto observando a cena. Quando finalmente o médico chega, ele respira aliviado. Com o menino desperto seria possível examiná-lo melhor.

Enquanto o médico conversa com James, Eleanor levanta da cama e vai até Simon, que estende a mão para ela.

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por ter me ajudado, se não tivesse se casado comigo ainda estaríamos naquela casa e nem imagino o que poderia ter acontecido com o meu irmão.

— Não tem nada para me agradecer, Eleanor — Simon toca o rosto dela com a mão enluvada. — Você é que tem me ajudado.

— Vossa Graça? — O médico se aproxima deles.

— Como ele está?

— Fraco, mas acredito que o veneno aos poucos esteja saindo de seu sistema. Contrariando o que muitos médicos diriam, sugiro que o menino passe alguns minutos fora de casa tomando um pouco de sol. Não esquecendo, claro, de se alimentar e hidratar. O sol e ar puro lhe farão bem. Evitem que ele se esforce muito nesse primeiro momento, deixarei um remédio para dor, mas, como ficará sonolento, recomendo que lhe seja ministrado se não houver alternativa. Não quero que o organismo dele se acostume com outra droga forte.

— Ele ainda corre riscos? — Eleanor segura a mão de Simon preocupada ao perguntar ao médico.

— É cedo para dizer, ele foi envenenado por muito tempo. Somente o tempo é quem vai dizer. Se precisarem me chame a hora que for. Estarei à disposição. Acredito que se seguirem o que recomendei, não terão problemas.

— Obrigada, doutor.

Simon acompanha o médico até a porta, enquanto Eleanor volta para a cama do irmão, ele ouvia tranquilamente a história que Charlotte contava, sobre o casamento da irmã mais velha e de como saíram da casa onde moravam com o tio. Não demora muito, Simon retorna ao quarto e sugere em levar James até o jardim. Pegando a criança no colo, ele desce as escadas devagar evitando movimentos bruscos e vão até o jardim atrás da casa.

A Sra. Haylock termina de estender uma coberta sobre uma cadeira e Simon coloca James sentado sobre ela.

— Vou trazer um caldo para que ele se alimente. — A governanta volta para o lado de dentro da casa.

— O dia está tão bonito. — Charlotte sorri e se senta em uma cadeira com o seu livro para terminar a leitura.

Eleanor ocupa uma namoradeira com Simon ao seu lado. Os quatro ficam em silêncio, os olhinhos de James percorrem o jardim tentando absorver o novo mundo em que vivia.

— Sabe, James, quando se sentir melhor podemos passear, o que acha? Existe uma loja de departamentos nova, dizem que tudo o que você precisa está lá — Simon puxa assunto.

— Até mesmo um barco? — ele diz devagar, mas interessado na conversa.

— Acho que um barco grande não, mas deve ter.

— Eu queria viajar em um grande barco, como nas histórias de piratas. — Charlotte ri.

— Piratas são homens maus, Charlotte — Eleanor diz arregalando os olhos com a ideia de romance da irmã.

— Nem todos são maus — a irmã replica.

— Nem todos, mas deve tomar cuidado. — Simon segura a mão de Eleanor. — Não é garantido que vá conhecer um pirata bonzinho.

— Eu sei que no mundo real tudo é diferente. Mas devido às últimas experiências passadas por essa família, descobri que nem sempre a aparência é a verdade sobre a pessoa — Charlotte diz olhando para o cunhado. — Quando o vi pela primeira vez, meu cunhado, temi que fosse um homem ruim. E se quer saber, eu estava errada e por isso devo lhe pedir desculpas.

— Eu... — Simon perde as palavras ao ouvir Charlotte.

— Ela tem razão, meu marido, as marcas em seu rosto e corpo não refletem quem você é. Ao contrário do que dizem, você não é um monstro.

— Eu quero um barco — James diz depois de um tempo ignorando a conversa entre os adultos. — Ou um cavalo, o papai disse que me daria um cavalo.

Simon desvia o olhar de sua esposa e dá atenção para o menino.

— Quando se sentir melhor, o levarei para escolher um cavalo.

— Você vai me dar um cavalo?

— Vou, James, você terá o seu cavalo.

Eleanor olha para Charlotte, que assim como ela estava com lágrimas nos olhos. Algumas horas atrás temiam pela vida do irmão, o medo de que tivesse uma recaída era enorme, mas estavam agarradas ao pequeno fio de esperança de que talvez tudo ficasse bem.



Eleanor e Charlotte passam o dia com James se revezando nos cuidados, o menino reclamara que estava com dor de ficar tanto tempo deitado, então providenciaram uma poltrona confortável em seu quarto. Perto do final da tarde com a ajuda da irmã, Eleanor deu um banho em James e colocou roupas confortáveis.

— Vou ficar sozinho? — pergunta enquanto as duas o ajeitam na cama.
— Não quero ficar sozinho.

— Você não pode abusar, James, até essa manhã tivemos medo que você morresse! — Charlotte briga.

— Charlotte!

— O quê? — ela pergunta para Eleanor. — É a verdade. Ele quase morreu, estávamos com medo de perder nosso irmão. Ele não pode abusar e ter uma recaída. Desculpa se estou sendo chata, mas não quero ter que usar luto porque meu irmãozinho nos deixou.

— Eu vou morrer? — James pergunta com os olhinhos brilhando e cheios de água.

— Não, James, não vai, porque, como sua irmã mais velha, eu proíbo que morra. Você vai viver muitos anos, vai se casar com uma moça muito bonita...

— Meninas são nojentas! — ele a interrompe e arranca risadas das irmãs.

— Nem todas — uma voz grossa diz atrás de Eleanor. Simon se aproxima da cama e apoia a mão no ombro de sua esposa. — Eu achava a mesma coisa, mas conheci suas irmãs. E posso afirmar que elas não são nojentas.

— Meninas pequenas são nojentas — James reitera.

— Nesse caso tenho que concordar, na minha época elas também eram nojentas. — James dá risada das palavras de Simon. — Você quer descer e jantar com a gente? Ou prefere ficar no quarto?

— Não quero ficar sozinho, tenho medo.

— Medo do quê, meu amor? — Eleanor pergunta preocupada.

— A moça má.

— Não tem mais moça má. Estamos na casa do Simon agora e aqui todos são bonzinhos e vão cuidar bem de você. Não precisa ter medo.

— E se eu o carregar até a sala de jantar? Você come com a gente e se ficar cansado, eu o trago para o quarto. Ouvi a Sra. Haylock dizer que teremos torta de maçã para a sobremesa.

— Eu quero torta — ele pede.

Simon levanta James no colo e desce com ele. Durante a refeição, os olhos de Eleanor a todo instante vão para o menino que come lentamente, já que não possuía firmeza nas mãos. Ele sabia que a esposa queria tomar a colher e alimentar o pequeno, mas estava deixando que ele sentisse que era capaz de se alimentar.

— James precisa de roupas, Eleanor.

— Eu sei, Charlotte, precisamos resolver isso, eu estava tão preocupada com a saúde dele que sequer pensei nas roupas.

— Vou pedir que o Sr. Haylock envie uma mensagem para o meu alfaiate, tenho certeza de que ele virá até aqui para tirar as medidas de James, afinal ele é um conde e cunhado de um duque, tem todo o direito de ter algumas regalias.

— Você é um duque? — James pergunta interessado.

— Sou.

— O que houve com o seu rosto? — o garoto pergunta, Simon sabia que provavelmente ele passara o dia inteiro querendo lhe perguntar isso.

— Eu sofri algumas queimaduras que deixaram marcas.

— Doeu?

— James...

— Está tudo bem, Eleanor. — Simon segura a mão da esposa. — Doeu, doeu muito, James. Mas o tratamento não se comparou a ter o corpo queimado pelas chamas.

James continua observando Simon, seus olhinhos concentrados em seu rosto desfigurado.

— Você é forte. Aguentou a dor.

— Sim, ele é muito forte. — Eleanor sorri. — Espetei meu dedo com a agulha uma vez e saiu muito sangue, chorei por quase uma hora.

— Ela é bobona. — James ri.

— Esse pestinha ria da minha cara durante todo o tempo. — Eleanor belisca a barriga de James, que solta uma gargalhada com cócegas.

— Os homens são mais fortes que as mulheres — James provoca.

— Algumas mulheres são muito mais fortes que os homens. Se Eleanor não fosse forte e determinada, não acredito que estaríamos aqui hoje conversando. Provavelmente não teria me casado com ela.

— Minha irmã é a melhor de todas.

— Até mais do que eu? — Charlotte pergunta chateada.

— Você é a segunda melhor, mas só porque nasceu depois.

— Nossa, obrigada.

— Sabe, James, acredito que nós dois sejamos homens de muita sorte por ter essas duas nos fazendo companhia.

Eleanor sente o peito apertar com as palavras de Simon, ouvir que ele se importava com ela, que a considerava especial, aquecia seu íntimo. Não poderia negar que em poucos dias começava a se encantar por ele e quem sabe até mesmo se apaixonar.

Após o jantar, Simon sobe com um James praticamente adormecido. Depois de o colocar na cama e deixar que Charlotte cuide do irmão, ele sai do quarto, para encontrar Eleanor em frente à porta de sua suíte.

— Obrigada pela ajuda com James.

— Não precisa agradecer, ele é um bom garoto.

— É sim. — Ela sorri e abre a porta do quarto entrando, para no vão da porta e olha por sobre o ombro. — Você vai dormir essa noite em seu quarto ou virá para o meu?

— Eleanor...

— Se depender de mim, gostaria que viesse.

Simon observa Eleanor que estende a mão para ele, que a aceita e é puxado para dentro, a porta se fecha atrás dele e os dois se olham por um tempo.

— Não está cansada do dia agitado?

— Não, na verdade esperei ansiosamente pela noite. O momento em que teria meu marido somente para mim. Aqui não preciso dividi-lo com ninguém.

— Como se alguém fosse me querer, Eleanor.

— Alguém quer você Simon, eu.

Eleanor se aproxima colocando as mãos no peito de Simon e se levanta na ponta dos pés o beijando delicadamente. Os braços dele a envolvem a colando de encontro ao seu corpo e ele aprofunda o beijo. Antes que possa perceber seus movimentos, Eleanor sente o vestido escorregar por seu corpo caindo aos seus pés. Os lábios de Simon descem por seu pescoço até os seios e ela suspira.

— Simon... — Eleanor segura os seus cabelos e puxa o seu rosto para ela novamente.

Simon não poderia esperar mais, sentir as mãos de Eleanor quente por sobre as suas roupas, os beijos, o excitavam mais do que qualquer outra mulher. Não que já tivesse sentido tanto prazer com uma prostituta, elas eram praticamente as únicas que aceitavam ficar com ele, já que receberiam um gordo pagamento.

Depois de deitar Eleanor na cama, ele retira suas roupas, e novamente mantém a camisa e os calções.

— Simon, por favor, tire a roupa.

— Não posso, vou assustá-la.

— Achei que confiasse em mim. — Eleanor senta na cama e puxa as cobertas para cobrir a nudez. — Em algum momento demonstrei sentir nojo ou repulsa?

— Não — ele responde baixinho.

— Tire a roupa, Simon, por favor.

Simon lhe dá as costas e abre os calções permitindo que o tecido caia, ele sabia que a parte de trás do seu corpo não era terrível quanto a frente. A camisa é a parte mais difícil de tirar, depois de jogar a luva sobre as roupas descartadas, a camisa se junta ao monte no chão. Ele se senta na beirada da cama e fica em silêncio de olhos fechados.

Uma mão delicada toca suas costas, os dedos passando levemente pelas marcas, seu corpo treme diante do toque, sua vontade é de se levantar e esconder, mas antes que ele possa se mexer, Eleanor beija suas costas. Ele pode sentir o corpo quente se colando ao seu, as mãos dela descendo pelos ombros e braços, enquanto distribui beijos por sua pele.

— Simon... — Eleanor sussurra e de alguma forma consegue montar em seu colo de frente para ele, com as pernas uma de cada lado do seu corpo.

Os olhos de Eleanor passeiam pelo peito e o braço esquerdo de Simon, o seu olhar parece queimar como as chamas, as mãos dele se fecham em sua cintura pronto para tirá-la dali, mas ela é mais rápida o beijando e o distraindo. Com uma força que ele não sabia que a esposa possuía, ela o derruba na cama e se movimenta até que ele esteja dentro dela. Incapaz de libertar agora e sem ao menos desejar isso, Simon gira na cama deixando Eleanor sob ele.

Por aquele momento ele se permitira deixar acreditar que ela não se importava com suas marcas e com o seu corpo. Era a primeira vez que fazia amor com uma mulher completamente nu. Era a primeira vez que sentia seu corpo de encontro a outro. Por mais que o inconsciente o tentasse a fugir, seu corpo e principalmente seu coração o mantinham ali, com as mãos de sua mulher o tocando, com os beijos incessantes e um prazer que ele jamais sentira.



Eleanor não conseguia acreditar que estava deitada nos braços de Simon, sentindo a sua pele de encontro a dela, ele estava completamente nu ao seu lado. Ele tentara fugir diversas vezes antes que fizessem amor, e quando terminaram se deitou apoiando no seu peito. Delicadamente para não assustá-lo, ela coloca a mão sobre o seu coração sentindo as batidas, a pele sob a mão era enrugada, marcada pelas queimaduras.

— Eu tinha oito anos — Simon diz a abraçando.

— O que aconteceu?

— Eu estava no berçário com a minha babá, ela estava contando uma história quando meu pai entrou no quarto. Ele estava bêbado, com uma garrafa em uma das mãos. Ele gritava alguma coisa que não consigo me lembrar. Eu fiquei em pé perto da lareira, estava assustado com o comportamento dele. Minha mãe entrou no quarto e tentava acalmá-lo sem sucesso. Em um rompante de fúria, ele tacou a garrafa de encontro a cornija da lareira, ela se quebrou e o líquido caiu em mim. Mesmo com a garrafa

passando tão perto da minha cabeça eu não me mexi, estava com medo. Meu pai continuava a gritar, empurrou minha mãe de encontro à parede e nervoso derrubou tudo que estava sobre a cornija, incluindo um castiçal. Bastou uma vela encostar na minha roupa úmida pelo álcool para que pegasse fogo.

— Simon. — Eleanor tenta se levantar para olhar para ele, mas é segurada.

— Meu pai parou de gritar e olhava para mim sem se mexer. Foi a babá que me socorreu junto com o mordomo. Eles tentaram apagar o fogo, mas onde o álcool caíra, tudo foi queimado. Quando chamaram um médico vi em seu rosto que meu estado não era nada bom. As dores eram horríveis, mas quando limparam as queimaduras para tirarem os pedaços de tecido que estavam grudados, eu desejei a morte. A cada hora que passava depois disso, eu queria morrer.

— O que aconteceu depois?

— Meu pai veio para Londres, nos deixou na casa de campo. Não suportava olhar para mim. Um dia o ouvi dizer que não entendia por que eu não morria de uma vez. Sofri em uma cama durante meses. Até que finalmente me recuperei. Crescer era horrível, a minha pele esticava e doía demais. Mas a rejeição dos meus pais foi o que doeu de verdade.

— Sua mãe te rejeitou?

— Sim, quando o médico disse que eu já estava melhor, mais ou menos um ano depois, me mandaram para Eton, meu pai disse que se minha mãe o queria ao lado dela e sair do campo, deveria me enviar para um colégio interno e foi o que ela fez. Raramente eu voltava para casa, meu pai não dava

permissão para minhas visitas. Riley e sua família foram o meu refúgio, eles me aceitaram. Foram os únicos a me acolherem. Alguns anos depois recebi a notícia de que minha mãe estava grávida. Torci e rezei noite e dia para que não fosse um menino, senão eu teria a rejeição final do meu pai.

— Ele te rechaçaria e o outro menino seria seu herdeiro.

— Exato. Quando recebi uma mensagem do mordomo dizendo que era uma menina respirei aliviado. Daisy era um bebê lindo, só pude visitá-la quando já tinha quase um ano. Foi a segunda pessoa a me aceitar, ela nunca chorou ao me ver. Quando eu conseguia visitá-la corria atrás de mim gritando para que a levasse comigo onde quer que eu fosse. Meu pai sempre odiou nossa amizade. Como minha mãe não engravidava novamente ele foi se irritando, até que um dia ele morreu. Ele passou mal na casa da amante, um ataque do coração fulminante e eu me tornei o novo duque. Usei meu título para voltar para casa e ficar com minha irmã. Minha mãe passava seus dias trancada no quarto, não queria me ver. Nem mesmo no dia em que ela estava para morrer mandou me chamar.

— Odeio seus pais! — Eleanor diz irritada e Simon a aperta em seus braços.

— Você é a primeira pessoa para quem eu conto o que aconteceu naquele dia, fora Riley e Daisy.

— Você não deve ter vergonha. Você era uma criança, menor que o James. Não teve culpa, Simon.

— Não lembro o motivo da briga entre os meus pais, nem o porquê ele entrou no quarto e gritava comigo. Não consigo me lembrar das palavras.

— Pois não tente se lembrar. Está no passado, Simon, seu pai não pode mais te ferir. E se ele estivesse vivo teria que me enfrentar. — Eleanor tenta se levantar novamente e ele permite. — Já disse que não vou permitir que ninguém fale mal ou destrua meu marido.

— E eu digo novamente que não a mereço. Você deveria ter se casado com algum homem com uma beleza estonteante.

— Não quero beleza, Simon, quero alguém que me trate bem, que aceite meus irmãos, que se sente comigo no final do dia e se importe com o que eu tenha para dizer. Quero alguém que se deite em uma cama comigo sem contar os minutos para ir embora. Mas, principalmente, eu quero alguém que moveria céus e terras para me proteger, porque sou importante para ele.

— E eu sou esse homem?

— Sim, você é esse homem, Simon, só precisa perceber que estou aqui do seu lado, não me importo com a sua aparência. Meus irmãos não se importam e tenho certeza de que nossos filhos não se importarão.



No dia seguinte após o café da manhã, Simon acompanha Eleanor e Charlotte até a loja Lavelly's. Elas estavam ansiosas pelo passeio e James praticamente o obrigara a prometer que procuraria um barco. Ao entrarem na grande loja de departamentos, Simon pôde sentir os olhares sobre ele. Se pudesse ele viraria as costas e iria embora, como sempre fazia. Mas Eleanor e sua irmã estavam de braços dados com ele, então uma fuga era impossível.

— Ah, se não é minha cliente mais importante. — Um homem se aproxima sorrindo e pega a mão de Eleanor, que sorri para ele. Simon sente uma queimação no corpo e uma vontade de bater no homem que ousava tocar em sua mulher.

— Como vai, Sr. Lavelly? — Eleanor pergunta. — Posso lhe apresentar meu marido? Simon Halsey, o duque de Wentworth. Simon, este é Aiden Lavelly, o dono da loja.

— É um prazer recebê-lo — Aiden faz uma reverência para Simon e cumprimenta Charlotte. — Posso lhes ajudar com alguma coisa?

— Meu irmão quer um barco, e Simon garantiu que aqui encontraríamos um.

— Tenho vários barcos, quantos anos ele tem?

— Dez.

— Então eu sugiro um barquinho de madeira, assim ele pode brincar com ele na água. — Aiden indica o caminho e os três os acompanham.

O olhar de Simon não saía de Aiden, ele sorria e praticamente flertava com sua esposa e cunhada. A cada segundo que passava, ele se irritava cada vez mais.

— Deseja mais alguma coisa, Eleanor? — ele pergunta assim que ela escolhe um dos barcos.

— Eu gostaria de comer uma daquelas tortinhas que vimos na entrada da loja.

— Aquelas são as melhores tortas de toda Londres — Aiden diz. — Espero que Vossa Graça aprove.

— Obrigada.

Aiden olha para Simon e sorri.

— Temos vários artigos masculinos, ao contrário do que muitos acreditam, não somos uma loja apenas para mulheres. Será muito bem-vindo para visitar nossa seção masculina. Tenho certeza de que meus funcionários o receberão com o devido respeito.

— Obrigado — Simon diz a contragosto.

— Está tudo bem, Simon? — Eleanor pergunta preocupada.

— Seu marido está bravo comigo. — Aiden sorri. — Mas garanto que é sem fundamento, Vossa Graça. Sua esposa é muito bonita, não posso negar. Mas sou um homem inteligente e sei quando teria alguma chance ou não. E jamais me relacionaria ou tentaria me relacionar com uma mulher casada, ainda mais com uma que olha como sua esposa olha para você.

— Eu... — Simon para de falar sem saber direito o que poderia dizer.

— Eu sei o que é ser rejeitado e, apesar de não conhecê-lo tão bem, imagino que saiba tanto quanto eu como é esse sentimento. Por isso, ofereço minha amizade. Não sou um nobre, sou apenas um plebeu que conseguiu

com esforço ganhar o seu próprio dinheiro e montar um império. Mas garanto que ofereço minha amizade da forma mais verdadeira possível.

— Obrigada. Sr. Lavelly — Eleanor diz tentando segurar as lágrimas.

Simon gesticula com a cabeça para o outro homem e se afasta de braços dados com a mulher. Poucos homens desejavam ser seus amigos. Muitos da nobreza se aproximavam porque ele era um duque, desejavam algo em troca. Aiden Lavelly fora o primeiro a tentar se aproximar, de forma simples e verdadeira. Ao olhar para Eleanor ao seu lado, ele suspira. Desde que sua esposa entrara em sua vida, as coisas estavam mudando. Um mundo novo se abria diante dele.



O dia seguinte amanhece fechado, a chuva cai incessantemente, Eleanor sabe que provavelmente não parará tão cedo o que as manterá presas em casa. Depois de ajudar a Sra. Haylock a dar um banho em James e o deitarem na cama para descansar, já que pequenas coisas parecem esgotar o garoto, Eleanor desce para a sala onde se senta no sofá com um bordado nas mãos. Charlotte está perto da lareira lendo um livro, os pés virados em direção ao fogo para esquentá-los.

O silêncio é reconfortante, mas não demora muito para ser interrompido com algumas batidas na porta e uma voz feminina que fala rapidamente. Deixando o bordado de lado, Eleanor sai da sala e encontra uma jovem loira, com feições delicadas conversando com a Sra. Haylock. Quando ela se vira para olhar Eleanor, é possível notar as semelhanças com Simon.

— Daisy, eu presumo. — Eleanor se aproxima.

— E você a nova duquesa, presumo? — A menina ri.

— Eleanor.

— É um prazer conhecê-la. Quando recebi uma carta de meu irmão informando que ele se casara tão rapidamente e que a sua esposa desejava que eu viesse ficar em Londres, mal pude acreditar. Vivi bastante tempo naquela casa, praticamente a minha vida toda.

— Sozinha a maior parte, presumo.

— Até que Simon veio morar comigo. Nossa casa é no campo a maior parte do tempo.

— Infelizmente, por causa da saúde do meu irmão não será possível uma longa viagem, por isso pedi que viesse para cá. Charlotte — Eleanor indica para a irmã se aproximar — vai debutar ano que vem, assim como você. Então pensei que poderiam aproveitar para se conhecerem e também teriam a mesma tutora. E, claro, vou tentar ajudá-las a se prepararem para o que está por vir.

— Obrigada, só o fato de já poder estar em Londres é incrível.

— Seu irmão está resolvendo alguns assuntos no escritório, por que não sobe e troca a roupa de viagem e descansa um pouco? O almoço será servido em breve.

— Vou fazer isso, viajar na carruagem por tanto tempo é cansativo.

A Sra. Haylock sobe com Daisy, com sua criada particular a seguindo logo atrás.

— Ela é bonita e muito mais educada do que eu. — Charlotte faz uma careta para a irmã.

— Ela é filha de um duque. Tenho certeza de que o pai exigia nada menos do que perfeição e elegância enquanto o nosso queria apenas nossa felicidade. Acha que vai ser amiga dela?

— Acho que sim. — Charlotte dá de ombros.

— Bom, agora que Daisy chegou posso pensar no jantar de comemoração do casamento.

— Você vai chamar muitas pessoas?

— Acredito que não, basta o baile que lady Georgianna dará em nossa homenagem. Terá tantas pessoas que temo que Simon não se sinta bem. Vai levar um tempo para que ele se acostume as multidões.

— Se precisar de ajuda me avise. Posso não entender tudo de bailes e jantares, mas tenho bom gosto.

— Isso você tem, minha irmã. Por que não sobe para verificar o James? Se ele estiver se sentindo melhor, gostaria que almoçasse à mesa conosco.

Enquanto a irmã sobe para verificar o menino, Eleanor vai para o escritório de Simon. Após uma leve batida, ela entra na sala.

— Desculpe não ter saído do escritório até agora, Riley enviou algumas notícias sobre o seu tio.

— Ele não ficou em silêncio aceitando o casamento presumo.

— Não. Ao que tudo indica, ele está apelando a corte dos nobres. Sua alegação é que eu a enganei para tentar colocar a mão na sua fortuna. E, principalmente, ele alega que o casamento não é oficial, já que muito provavelmente você me considera horrível o suficiente para não me aceitar em sua cama.

— Ele está falando da minha intimidade junto a corte dos nobres? — Eleanor solta um ofego e Simon se levanta para abraçá-la.

— Ele está desesperado, meu amor. Uma vez que proibi o seu acesso a todas as contas, propriedades e títulos da sua família. Muito em breve ele vai receber uma visita da polícia ordenando que ele saia da Mansão Bartlett. Ele sabe que perdeu tudo e não ficará quieto. É muito dinheiro.

— Existe alguma chance de que ele consiga nos separar? Ou então que ele consiga colocar as mãos nos meus irmãos?

— Duvido muito, mas por segurança Charlotte não deve sair sozinha de casa, nem mesmo você. Pedi para John contratar alguns homens para vigiar a casa e as acompanharem quando forem sair. Avise sempre aonde você vai para alguém que fique aqui em casa, infelizmente serão necessários alguns cuidados por agora. Mas assim que seu tio perder finalmente, teremos alguma paz.

— Temo que ele não irá desistir tão facilmente, Simon. Acredito que meu tio tenha contraído algumas dívidas, ouvi quando ele conversava com um amigo, ele está devendo para algumas pessoas perigosas e pretendia usar o dinheiro de James para quitar essas dívidas.

— Vou tentar descobrir quanto ele deve, não se preocupe, Eleanor, ele terá que enfrentar pessoas poderosas para conseguir colocar as mãos em você ou no dinheiro.

— Vamos falar de coisas boas, não quero pensar mais no meu tio por hoje.

— O que você quer falar? — Simon começa a abrir um pequeno sorriso, que some rapidamente quando percebe o que está fazendo.

— Algum dia meu marido vai sorrir para mim?

— Meu rosto...

— É lindo. — Eleanor coloca a mão na parte deformada fazendo um carinho, dessa vez ele não tenta fugir do seu toque. — Eu sou sua esposa, Simon, e para mim você é lindo, não vai ser um sorriso que irá mudar minha opinião. Tenho certeza de que algum dia ganharei um lindo sorriso de presente.

— Achei que iríamos falar de coisas boas.

— Tem razão. Adivinha quem acabou de chegar?

— Daisy?

— Sim, ela subiu para descansar da viagem antes de almoçar conosco. Sua irmã é linda, Simon, ano que vem será uma das sensações da temporada.

— Agora que ela terá sua ajuda, não tenho dúvidas.



Durante o almoço ficou claro que as duas famílias se dariam muito bem. Assim que conheceu James, Daisy praticamente o adotara como um irmão caçula. Após comerem, ela e Charlotte foram com o menino para o jardim para que ele tomasse um pouco de sol.

Charlotte e Daisy pareciam ter se tornado amigas rapidamente, apesar da grande diferença entre elas. Daisy era refinada, delicada, treinada como filha de um duque. Enquanto Charlotte, mesmo sendo filha de um nobre, era mais aventureira, não fazia caras e bocas e, principalmente, não levava jeito para se fazer de delicada. As duas moças eram completamente opostas uma da outra, mas pareciam ter se completado de uma forma que não poderia se imaginar.

Após explicar para as duas jovens que não deveriam andar sozinhas pela cidade e os motivos de sua preocupação, Simon se despediu de todos e saiu de casa. Ele queria descobrir quem eram os credores de Alfie o quanto antes. O único problema era que Simon não tinha tantos contatos que poderia usar. Apesar de ser um grande amigo, Riley não tinha relações duvidosas. Por isso, ele decidiu arriscar procurando o único homem que, depois de muito tempo, havia se oferecido para ser seu amigo sem qualquer tipo de interesse.

— Wentworth. — Aiden abre a porta do seu escritório e gesticula para que ele entre. — A que devo a honra da sua visita?

— Vou direto ao ponto, porque não sou de fazer muitos rodeios. O tio de minha esposa está devendo muito dinheiro, acredito que não seja apenas para o seu alfaiate.

— Você acha que ele tem alguns credores no submundo? — Aiden pergunta servindo dois copos de conhaque e entregando um para Simon. — Dívidas de jogos, prostíbulo... coisas assim?

— Não me surpreenderia se ele estivesse praticamente falido. Ele está desesperado, apelando para a corte dos nobres, alegando que meu casamento é uma farsa. — Simon dá um gole na sua bebida e explica toda a história de Eleanor e seus irmãos.

— Você não está louco de suspeitar que ele esteja envolvido com pessoas perigosas — Aiden concorda ao ouvir toda a história. — Conheço algumas pessoas da minha infância, quando eu não era o grande empresário Lavery. Vou tentar descobrir alguma coisa para você.

— Obrigado, estarei em dívida com você.

— Eu tomaria muito cuidado com sua esposa e a irmã dela. Se o tio está devendo para alguém perigoso como suspeitamos, eles podem se aproveitar delas para conseguir tirar o dinheiro diretamente de você.

— Estou contratando alguns homens para vigiar a casa. Esse é um dos meus medos também.

— Você também deve tomar cuidado, Halsey, se você morrer sua esposa será uma viúva, o tio dela pode continuar com a alegação de que o casamento não foi consumado e de alguma forma recuperar o poder dele sobre ela e os

irmãos. Não é apenas a vida delas que está em risco.

— Vou tomar cuidado. Se souber de alguma coisa, por favor, me avise imediatamente.

— Eu vou, não se preocupe.

Simon sai da loja Lavelly's olhando para os lados até entrar em sua carruagem. Aiden tinha razão, sua vida também estava em perigo; se algo acontecesse com ele, Eleanor cairia nas garras de seu tio novamente. Se não fosse a saúde de James levaria todos para a casa no campo. Alguns dias atrás, a sua única preocupação era encontrar uma esposa que orientasse sua irmã, agora ele precisava se preocupar em manter todos seguros. Mesmo que sua vida estivesse atribulada agora, não voltaria atrás. Eleanor valia a pena qualquer preocupação que surgisse no caminho.



Depois de uma semana preparando o jantar em comemoração ao casamento de Eleanor e Simon, a noite finalmente chegou. Por opção de Eleanor seriam poucos convidados, apenas a família, Scarlett com seus pais e Riley, e um convidado um pouco surpreendente: Aiden Lavelly. Simon solicitara a Eleanor que convidasse o empresário, sua justificativa é que já que o homem dissera que poderiam ser amigos, ele lhe daria uma oportunidade.

O maior medo de Eleanor é que os convidados encontrassem algum erro ou falha sua, já que era o primeiro jantar que preparava. Suas mãos estavam frias e suando de preocupação, seu coração batia rapidamente, diminuindo apenas quando Simon a levou até o escritório e fez com que esquecesse qualquer preocupação com um beijo de tirar o fôlego.

— Os convites do baile em homenagem ao seu casamento já foram enviados, não vejo a hora de poder comemorar essa união — lady Georgianna diz com um sorriso para Eleanor. — Duvido que alguém tenha

coragem de dizer que o casamento é falso, basta olhar para vocês dois para ter certeza de que estão felizes juntos.

— Eleanor é mais do que eu poderia pedir em uma esposa — Simon diz apoiando uma mão na cintura de Eleanor.

— Confesso que estava preocupado com esse casamento, Halsey, mas não posso negar que você tem cuidado muito bem de Eleanor e seus irmãos, ver James se recuperando é um motivo de alegria — lorde Thomas diz apontando o garoto.

— Tem sido um dia de cada vez, o médico garantiu que ele irá se recuperar, provavelmente ficarão algumas sequelas, mas ele está vivo e isso é o que mais importa no momento — Eleanor explica.

— Claro que sim. Perder James não era uma opção — lady Georgianna concorda.

— O jantar está servido — a Sra. Haylock avisa e todos vão para a sala de jantar.

— É verdade que tem muitos barcos na sua loja? — James pergunta para Aiden, que está sentado à sua frente. Não era costume que crianças se sentassem à mesa, ou então que puxassem assunto, mas Simon garantia ao menino que ele era bem-vindo no jantar e que ninguém o proibiria de falar, o que deu coragem ao garoto.

— É verdade, temos barcos de todos os tipos. Quando estiver bem o suficiente para um passeio, peça para as suas irmãs o levarem até a minha loja.

— Papai fazia barquinhos de papel e brincávamos na fonte. Tudo bem que eles molhavam e acabavam afundando rapidamente, mas eu gostava de ficar com ele.

— E ele adorava brincar com você, James. Nosso pai te amava. — Eleanor segura a mão do irmão, ele era muito pequeno e suas lembranças dos pais eram escassas.

— Papai fazia aviões de papel para mim, eu os arremessava para todos os lugares. — Scarlett sorri e James presta atenção no que ela fala. — Uma vez, um dos aviõezinhos caiu na lareira, lembro que eu chorei ao vê-lo queimar.

— Ela chorava tanto que achei que alguém a estava matando — lady Georgianna diz arrancando risada de todos. — Nunca vi essa menina chorar tanto.

— Eu tinha quatro anos. Era normal que eu ficasse desesperada.

O jantar transcorre tranquilamente, Charlotte e Daisy receberam a atenção de todos, Riley não deixou de provocar Simon dizendo que ele teria muito trabalho no ano seguinte com duas belas jovens debutando. Uma vez que a refeição termina, as mulheres vão para a sala tomar o chá, enquanto os homens ficam na sala de jantar apreciando seu conhaque.

— Perdoe a minha indiscrição e, claro, o meu abuso. Mas acho que a melhor forma de fazer com que ninguém mais duvide que o casamento foi consumado é sua esposa ficando grávida — Aiden diz olhando para o seu copo.

— Por mais que a ideia seja boa, temo que Alfie acusaria Eleanor de adultério. Ele alega em alto e bom som que Eleanor jamais aceitaria Halsey em sua cama, com a aparência que tem — lorde Thomas diz irritado. — Acredito que deva começar a aparecer na Câmara dos Lordes, Halsey. Sua presença pode colocar em dúvida o que ele anda dizendo por toda Londres.

— Não acredito que isso vá desmotivá-lo, mas talvez Lately tenha razão. Se Eleanor aparecer grávida, os boatos espalhados por seu tio serão colocados em dúvida — Riley diz.

— Se meu casamento foi consumado ou não, não diz respeito a ninguém. Não é justo que minha esposa seja motivo de fofoca nos salões de baile. Ela é uma duquesa e merece o respeito que o título lhe confere.

— Então, meu caro amigo, você terá que abandonar a clausura autoimposta e passar a frequentar os salões com ela. Sua esposa precisa ser vista como uma duquesa. Aparecer ao seu lado como um casal vai demonstrar que ela tem o seu respeito.

Após todos os convidados se despedirem e lady Georgianna garantir que o baile no próximo sábado seria um sucesso, Eleanor sobe para verificar James antes de ir para o quarto. O menino se divertira conversando com os adultos e, principalmente, ficara extasiado ao receber atenção de Simon todas as vezes que ele perguntava algo, seu marido lhe dedicava seu tempo para conversar. Seu irmão sentia a falta de uma figura paterna, e ter Simon ao seu lado lhe fazia bem.

— Ele está dormindo? — Simon pergunta enquanto desfaz a gravata e observa Eleanor fechar a porta do quarto.

— Está, acho que ficou cansado com tanta atenção que recebeu.

— Ele é um bom garoto.

— Você está bem? Desde que se juntaram a nós na sala, percebi que estava mais calado que o normal.

— Apenas pensando em algumas coisas que Riley me disse.

— Por exemplo? — Eleanor se aproxima e o ajuda a retirar o paletó.

— Seu tio continua gritando aos quatro ventos que nosso casamento não foi consumado, que você jamais se deitaria com um homem com a minha aparência.

— Você sabe que não é verdade, principalmente porque tem dormido na minha cama todas as noites. — Eleanor sorri para o marido e se vira para que ele abra o seu vestido.

— Apenas nós dois sabemos o que acontece em nosso quarto. Aiden até mesmo sugeriu que ficasse grávida o quanto antes, assim não teriam qualquer dúvida. — Simon sente Eleanor tremer um pouco. — O que foi? Pensar em ter filhos comigo é tão repugnante assim?

— Claro que não. — Eleanor gira fazendo com que o vestido caia aos seus pés, ficando apenas com sua combinação. — O que eu mais desejo, Simon, é um filho com os seus olhos. — Ela toca o rosto do marido. — Minha reação não foi porque não quero um filho. É porque ao mencionar a palavra filho, percebi que minhas regras estão atrasadas, acredito que foi o choque de não ter percebido isso antes.

— Então, você poderia estar grávida?

— É provável. — Ela sorri e puxa as mãos de Simon para a sua barriga.
— Quem sabe em alguns meses não teremos um pequeno Simon em nossos braços?

— Prefiro uma pequena Eleanor. — Simon levanta sua esposa em seus braços e se deita com ela na cama. — Acredito, minha querida esposa, que devemos garantir que realmente teremos um filho, o que acha?

— Eu acho que você está falando demais, meu esposo, ao invés de providenciar que ninguém tenha dúvidas de que sou sua.



A semana foi corrida para Eleanor, com o baile se aproximando precisava buscar seu vestido na modista, verificar as encomendas de Charlotte e providenciar algumas roupas para Daisy. Para sua sorte, Simon chamara seu alfaiate, que fora até a Mansão Halsey tirar medidas de James para providenciar roupas para ele.

Enquanto Annora tirava as medidas de Daisy, Eleanor olhava as fotos de alguns modelos para sugerir a cunhada.

— Não vejo a hora de poder finalmente debutar, sonho com os salões de baile todos os dias. — Daisy suspira.

— Você conseguirá um noivo logo no primeiro baile. Enquanto eu será preciso umas cinco temporadas para que alguém finalmente tenha pena de mim e me peça em casamento.

— Para de besteiras, Charlotte, você é uma moça linda, tem tantas chances de encontrar um noivo na primeira temporada quanto Daisy! — Eleanor repreende a irmã.

— Esqueceu que nosso tio...

— Nosso tio não manda mais nessa família e qualquer coisa que ele tenha falado não importa mais. Simon me garantiu que providenciará um dote generoso para as duas, você é inteligente, bonita. E, além do mais, terão uma madrinha na temporada que vem, que lhes trará grandes oportunidades.

— Que madrinha? — Daisy pergunta curiosa.

— Lady Georgianna. Ela garantiu que irá lhes apresentar a Rainha, depois disso terão uma duquesa, que no caso serei eu, as acompanhando em todos os eventos.

— Espero que os meus vestidos façam jus a tanto prestígio. — Annora sorri para Eleanor.

— Você tem alguma dúvida? Meu vestido no jantar de comemoração do meu casamento fez sucesso, isso que tínhamos poucos convidados presentes. Você tem muito talento, Annora.

— Obrigada, Vossa Graça.

— Se prepare para um grande número de pedidos, Annora, você está vestindo a Duquesa de Wenthworth. Após o baile de sábado, seu nome será conhecido como uma das melhores modistas de Londres — Charlotte brinca.



Simon atravessa a loja de departamentos Lavelly's até o escritório de Aiden, o lugar estava cheio. Durante a manhã, um garoto de recados trouxera um bilhete informando que Lavelly tinha algumas informações para Simon.

— Como vai, Halsey?

— Estou bem, tem alguma informação para mim? — Lavelly fecha a porta do escritório e indica para que ele se sente.

— Contatei um dos meus informantes, com base no que ele descobriu acredito que exista ainda mais casos. O tio de sua esposa está devendo para vários clubes de jogos e alguns fornecedores. Alguns estão exigindo seu dinheiro e, como não tem como pagar, está se complicando.

— Ou seja, está ficando desesperado.

— Esse é o valor da dívida dele, claro, do que consegui apurar. — Aiden entrega um papel para Simon. — Esse número pode ser bem maior.

— Obrigado pela informação.

— Meus informantes estão de ouvidos bem abertos, se souberem de mais alguma coisa irão me avisar.

— Seria possível descobrir se ele conseguiu o veneno com um desses credores? Ou com outra pessoa? Se conseguíssemos ligá-lo ao veneno que era dado todos os dias para James teríamos alguma prova contra ele.

— Ninguém confessará tão facilmente que forneceu o veneno, mas posso tentar descobrir. Esse é um dos motivos pelos quais estou preocupado. Se ele não teve escrúpulos ao tentar matar o próprio sobrinho, o que ele poderia tentar contra você, para garantir que Eleanor fique viúva ou então que o casamento seja anulado.

— Espero que o baile nesse sábado diminua os falatórios. Nunca imaginei que Eleanor fosse ter a imagem manchada por minha causa.

— Manchada?

— Alguns nobres estão comentando o fato de que uma jovem tão bonita tenha se casado comigo. Como pode ver, minha aparência não é das melhores e todos sabem disso.

— Você se arrepende de ter se casado com Eleanor?

Simon olha para a janela atrás de Aiden e balança a cabeça.

— Não, eu não me arrependo. Podemos ter nos casado no início para ajudar um ao outro, mas agora não me vejo casado com outra pessoa. Eleanor é a mulher perfeita para mim, ela me olha e realmente me vê, não são as cicatrizes no meu rosto e no meu corpo que lhe chama a atenção. Por muito tempo esperei encontrar alguém que visse além dessas marcas.

— Não pude deixar de notar a forma como ela olha para você. Ela já te ama, Simon, e tenho certeza de que nesse baile ficará claro para todos que os dois estão casados e felizes.

Simon concorda e se despede de Aiden levando a lista de credores com ele. Eleanor lhe dera muito mais do que ele poderia querer, não só tinha uma esposa amorosa do seu lado, mas também para ela as cicatrizes algumas vezes pareciam não existir. Pela primeira vez em muito tempo, ele se sentia querido e amado e faria qualquer coisa pela esposa; ele a protegeria de seu tio. Garantiria que nada acontecesse com ela e os irmãos. Ninguém mexeria com a sua família, ele era o duque de Wentworth e usaria o poder do seu nome para garantir a proteção de sua família.



Simon estava agitado e não era para menos, quando finalmente o dia do baile chegou sua vontade era de ir para a casa de campo e se esconder. Mas devia aquele dia para Eleanor, por mais que ele se sentisse um monstro algumas vezes, sua esposa merecia um dia para comemorar seu casamento. Uma grande festa em sua homenagem.

Quando Eleanor desceu as escadas trajando um lindo vestido azul-marinho com bordados em dourado, sentiu o ar fugir de seus pulmões. Ele estava casado com uma mulher linda, e não conseguia entender o que havia feito para merecê-la.

— Gostou do vestido? — Eleanor pergunta passando as mãos e alisando a saia.

— Você está linda, creio que não haverá mulher mais linda em toda Londres hoje.

— Obrigada. — Ela sorri.

— Não vejo a hora de um dia ser eu a usar um vestido tão lindo como esse. — Daisy suspira saindo da sala de visitas com Charlotte e James, que já caminha lentamente.

— Você está bonita — James diz olhando para ela.

— Obrigada, querido. A Sra. Haylock vai cuidar de vocês essa noite.

— Não se preocupe, Eleanor, eu e Daisy somos capazes de cuidar do James e, principalmente, não entrarmos em confusão.

— Eles vão ficar bem. — Simon pega a mão de Eleanor gentilmente e coloca na curva do seu braço. — Agora temos que ir, temos um baile para comparecer. Apesar de desejar que nenhum homem veja minha esposa tão linda assim e a cobice, quero que toda Londres veja a mulher maravilhosa com quem me casei.

— Eles formam um casal tão lindo. Simon está completamente apaixonado — Daisy diz enquanto observam o casal entrar na carruagem.

— Espero que nada estrague essa noite, eles merecem comemorar o casamento — Charlotte diz ao fechar a porta. A noite prometia muitas coisas, sua única preocupação era que seu tio aparecesse e estragasse a felicidade da sua irmã.



Eleanor sentia os músculos do rosto cansados de tanto sorrir, durante quase uma hora ela e Simon ficaram ao lado de lady Georgianna e seu marido cumprimentando os convidados que chegavam. A mansão estava lotada, e ela sabia que muito se devia ao fato de que a maior parte dos convidados desejavam ver Simon de perto.

Por isso, Eleanor fizera questão de rodar pelo salão de braços dados com o marido enquanto conversavam com algumas pessoas. Somente quando se aproximaram de Aiden, Scarlett e Riley, ela pôde finalmente se soltar um pouco.

— Não se deve monopolizar sua esposa. Esqueceu as regras de etiqueta da alta sociedade londrina que diz que somente deve dançar uma dança com ela, e dividi-la com os convidados? — Riley pergunta provocando o amigo.

— Isso quer dizer que vai permitir que sua bela noiva dance com praticamente todos os homens da festa? — Simon pergunta devolvendo a provocação.

— Nunca entendi essas regras. Claro que uma jovem solteira, em busca de um marido, deve dançar com tantos solteiros ela consiga em uma noite. Mas uma noiva ou uma mulher casada? Não, a elas não se deve aplicar essa regra.

— Está dizendo, Aiden, que o dia que se casar não vai permitir que sua esposa dance com outros homens? — Eleanor ri.

— Talvez com Simon ou Riley, ou então um homem velho, esses estão autorizados. Agora esses engomadinhos que estão somente esperando que os pais morram para herdar um título e uma fortuna? Nem pensar.

— Isso se chama ser possessivo — Scarlet comenta.

— Talvez, mas se um dia eu der a sorte de ter uma linda esposa como as duas belas moças que nos fazem companhia agora, a última coisa que permitirei de bom grado é que algum interesseiro se aproxime.

— Cuidado para que as moças solteiras não o ouça, ou então jamais encontrará uma candidata a casamento — Eleanor diz.

— No momento não estou procurando por uma esposa, não encontrei ainda aquela que fará com que eu desista da minha vida de libertino e principalmente da minha bela... — Aiden para de falar e olha para Eleanor e Scarlett.

— Suponho que iria dizer amante? — Scarlett provoca e olha para Riley.
— Espero que algumas pessoas não possuam uma.

— Eu jamais iria manter uma amante tendo você como minha bela noiva. Abandonei essa vida há muito tempo.

— Acho bom, ou então teríamos sérios problemas.

— Acredito que ciúmes não seja algo exclusivo dos homens — Simon diz a Aiden. — Mas devo concordar, é difícil observar sua esposa sendo elogiada e recebendo convites para dançar. Creio que serei obrigado a inventar algo para mantê-la constantemente ao meu lado.

— Não será preciso inventar, ficarei ao seu lado por toda a noite se deixarem, não desejo dançar com nenhum outro homem.

Conforme a música começa e os casais assumem a pista de dança, Simon e Eleanor conversam com os convidados, muitos nobres estavam presentes, e era fundamental que todos vissem como os dois estavam felizes e que o casamento era real.

— Eleanor? — Alguém chama e Simon gira lentamente para encontrar Alfie parado atrás deles. — Como está, minha querida?

— Acredito que esteja esquecendo algo de muito importante — Simon diz tentando se controlar. — Eleanor agora é minha esposa e a Duquesa de Wentworth. Acredito que deva tratá-la da forma correta e não tão impessoal como fez.

— Ela é minha sobrinha.

— Ela é uma duquesa — Simon rebate. Ao lado deles, alguns convidados começam a cochichar vendo o princípio de confusão.

— O que está fazendo aqui? — Lorde Wright diz se aproximando com Riley e Aiden atrás dele.

— É um baile em homenagem a minha sobrinha. Onde mais eu estaria?

— Você não foi convidado, e creio que a última coisa que deseja é comemorar seu casamento.

— Thomas...

— Lorde Wright — o pai de Scarlett corrige.

— Sou o único parente vivo de Eleanor e seus irmãos, só desejo a felicidade deles. Se duvido sobre esse casamento é porque me importo com essa menina.

Eleanor se agarra à manga do casaco de Simon, ela temia esse confronto e que a festa fosse arruinada por seu tio. Ela pôde sentir sua pele gelar da cabeça aos pés, sua cabeça gira e pontos pretos piscam na sua visão.

— Simon — ela sussurra se agarrando ainda mais a ele. — Não estou me sentindo muito bem.

Simon gira rapidamente a tempo de segurar Eleanor, que desmaia em seus braços. Levantando-a sem qualquer tipo de esforço, ele segue Scarlett até a biblioteca onde a deita no sofá.

— Já chamei o médico — lady Georgianna diz entrando na biblioteca. — Eu imaginava que ela não aguentaria a presença daquele homem essa noite. Não sei como ele pode ter entrado, garanti que os criados vigiassem a porta e não permitissem a sua presença.

O Dr. Boorman entra rapidamente se dirigindo ao sofá, usando alguns saís para despertar Eleanor, ele pede para ficar sozinho com ela e assim examiná-la corretamente.

— Agora, minha jovem, o que você sentiu antes de desmaiar?

Simon anda de um lado para o outro em frente à porta da biblioteca, ele queria ficar e observar o médico examinar sua esposa, mas as malditas regras de etiqueta diziam que ele deveria sair. Quando a porta se abriu e o médico

disse que ele poderia entrar, ele corre até Eleanor, que está sentada olhando para as próprias mãos.

— O que houve, meu amor? — Simon pega suas pequenas mãos nas suas e as aperta levemente.

Eleanor levanta o rosto para olhar Simon e abre um sorriso.

— Estou grávida.



— Grávida? — Simon arregala os olhos ao ouvir a novidade e se ajoelha em frente a Eleanor a puxando para perto, ficando entre as suas pernas, a posição não era nada elegante, mas nenhum dos dois parecia se importar. — Um filho — ele sussurra e leva as mãos à barriga de Eleanor fechando os olhos.

— Está feliz?

— Você não pode imaginar o quanto. — Simon abre os olhos e segura o rosto de Eleanor. — Prometo a você que jamais serei como meu pai, não perderei a razão, ficarei sempre ao seu lado e ao lado de nossos filhos. Eu serei um bom pai.

— Claro que será, você é um homem maravilhoso, Simon, nossos filhos terão muita sorte.

— Quer voltar para a festa ou ir para casa?

— Acho que voltar para a festa seja o melhor, ainda teremos o jantar, não vou deixar que meu tio estrague essa noite. Ainda mais com essa notícia maravilhosa. Hoje a noite é nossa, Simon, e ninguém vai impedir que comemoremos.

— Se ficar cansada ou se quiser ir para casa, me avise na mesma hora. Não me importo com etiquetas ou convenções, você e nosso filho são minha prioridade.

— Eu vou avisar. — Eleanor beija Simon delicadamente e se levanta com sua ajuda. Ao passarem pela porta da biblioteca, eles avistam seus amigos com semblantes preocupados. — Acredito, Scarlett, que sua oportunidade de ser uma tia coruja chegou — Eleanor revela com um sorriso e sua amiga dá um gritinho nada elegante e a abraça.

— Parabéns!

— E não é que ele realmente seguiu meu conselho? — Aiden gargalha.

— Conselho? — Eleanor olha para Simon, que balança a cabeça.

— Lately sugeriu que eu a engravidasse, assim ninguém teria dúvidas de que estamos casados.

— Não acredito que tenha sido seu conselho o motivo da minha gravidez — Eleanor provoca o amigo, que revira os olhos.

— Tanto faz, o importante é que agora ficará ainda mais difícil de negarem seu casamento. E já que tirou o meu mérito da questão, posso fazer algo de útil?

— O quê? — Riley pergunta.

— Jogar o inútil do tio de Eleanor para fora dessa casa?

— Apenas se eu puder ajudar. — Riley bate no ombro do Aiden e os dois voltam para o salão.

— Esses dois vão arrumar confusão — lady Georgianna suspira, mas não se move para impedi-los. — Seus pais estariam nas nuvens com a notícia.

— Eu sei que é muito cedo, mas gostaria de saber, se quiser, é claro, a senhora aceitaria ser uma avó postiça para meus filhos? Tenho certeza de que será a única que irá tratá-los como minha mãe faria.

— Seria uma honra, Eleanor. — Georgianna a abraça. — Estarei aqui sempre que você ou seus filhos precisarem. Agora vamos voltar para o salão, temos uma notícia para dar e um jantar maravilhoso para aproveitar.

Após a notícia ser ecoada pelo salão de baile, muitos vieram parabenizar Simon e Eleanor, os dois praticamente não se soltaram a maior parte da noite. As danças começaram e depois de dançarem juntos, Eleanor vai até a mesa de refrescos, sua atenção desvia para as três mulheres que conversam baixinho e ela se aproxima.

— Lady Benningfiel — Eleanor cumprimenta a mulher casada e mais velha das três.

— Vossa Graça. — As três fazem reverência. — Permita-me apresentar minhas irmãs, Katherina e Hester.

— Espero que estejam aproveitando o baile.

— Está tudo maravilhoso, e parabéns pelo casamento e, claro, pelo bebê.

— Katherina sorri e Eleanor percebe o quanto a jovem é bonita.

— Já dançaram?

— Infelizmente ainda não, parece que os homens essa noite estão tímidos

— Cornelia Eymer, a Condessa de Benningfiel, diz olhando para as irmãs.

— Seja honesta, Cornelia, não dançamos porque os homens preferem pegar algum tipo de peste a me convidar para dançar e devido a minha fama isso reflete em Hester. — Katherina revira os olhos fazendo a irmã ficar vermelha com a vergonha por estarem na presença de Eleanor.

— Por acaso há algo de tão desabonador em sua reputação? — Eleanor pergunta com um sorriso doce.

— Apenas minha fama de noiva amaldiçoada.

— Ah sim, acredito que já ouvi falar de sua má sorte.

— Má sorte é elogio, Vossa Graça. Está mais para uma desgraça. Voltei para os salões de baile esse ano, apenas porque Hester iria debutar e pediu minha companhia, mas acredito que ela estaria melhor sem mim.

— Minha irmã e minha cunhada irão debutar na próxima temporada, só de pensar sinto uma dor de cabeça enorme. Temo fazer algo de errado.

— Tenho certeza de que se saíra bem, Vossa Graça. — Cornelia sorri. — Conseguir passar incólume com Hester na apresentação a Rainha esse ano, isso com essa barriga gigante. — Ela aponta para a barriga de oito meses. — E acredite em mim quando digo que Hester é um grande desafio.

— Muito obrigada pela difamação — Hester responde contrariada.

— Tenho certeza de que aproveitarão a temporada, ela mal começou. E as duas são tão bonitas que encontrarão pretendentes.

— Nenhum homem, nobre ou não, irá querer ser meu pretendente, eles morrem antes ou logo após o casamento — Katherina brinca para horror da irmã mais velha.

Eleanor nota uma presença por perto e com um sorriso chama Aiden para se aproximar.

— Sr. Lavelly, deixe-me apresentar Lady Cornelia Eymer, Condessa de Benningfiel, e suas irmãs, ladies Katherina e Hester. Esse é o Sr. Aiden Lavelly, acredito que o conheçam por causa da loja Lavelly's.

— É um prazer conhecê-las. — Aiden leva a mão das três mulheres aos lábios as cumprimentando.

— Sua loja é encantadora, estivemos lá essa semana.

— Encontraram tudo o que desejavam?

— Nem tudo. — Katherina torce o nariz.

— Isso é imperdoável, por favor, me deixe saber o que procura e irei providenciar.

— Por que o senhor não tira lady Katherina para dançar? A próxima música está para começar, assim podem conversar sobre o que ela procura em sua loja — Eleanor sugere, Katherina se prepara para a rejeição, que sempre vem logo em seguida, mas Aiden abre um sorriso e estica a mão para ela.

— Será um prazer dançar com uma bela dama.

Katherina olha para a mão estendida sem acreditar que depois de tanto tempo alguém a convidou para uma dança.

— Kathy. — Hester a cutuca e ela dá um passo para frente aceitando a mão dele.

O casal se afasta para o centro do salão onde os casais se posicionam para a próxima dança.

— Obrigada — Cornelia agradece baixinho.

— Não precisa agradecer. — Eleanor toca o braço dela. — Na verdade, pode me agradecer ano que vem, me ajudando com as duas que tenho em casa.

— Será uma honra, garanto que irei ajudá-la.

Eleanor se despede de Cornelia e Hester e vai se encontrar com Simon, que olha para ela divertido.

— Se fazendo de cupido?

— Não, apenas ajudando uma moça rejeitada por praticamente todos os homens solteiros e elegíveis de Londres. Ela não tem culpa de ter perdido dois noivos em seguida.

— Só espero que Lately não decida ficar noivo da Srta. Threston, ou perderemos um amigo.

— Simon! — Eleanor dá um tapa discreto no braço do marido. — A pobrezinha não tem culpa.

— Eu sei que não. — Simon puxa Eleanor para perto e beija sua testa. — Espero que esse jantar seja servido logo, quero ir para casa para ficar a sós com minha esposa.

— Falta pouco, e então serei sua pelo resto da noite.



A carruagem balança suavemente enquanto Simon e Eleanor voltam para casa, a noite tinha sido memorável. Os dois receberam felicitações pelo casamento e pelo bebê que estava a caminho. É claro que Simon recebera diversos olhares, alguns de repulsa, outros de pena, mas ele preferira não se apegar a isso. Eleanor estava linda ao seu lado, não só pela forma que estava vestida, mas havia um brilho novo no olhar, um sorriso que parecia não sair do seu rosto, desde que descobrira que estava grávida.

— Será que nossos irmãos já estão dormindo? — Eleanor pergunta baixinho.

— Provavelmente, podemos dar a notícia amanhã no café da manhã.

— Charlotte vai ficar encantada com a notícia.

— Acredito que James também, já que não será mais o caçula da casa.

— Ele está bem melhor, não está?

— Agora que consegue andar sozinho tenho certeza de que a melhora será mais rápida. Ele precisa se exercitar, ficou muito tempo na cama. Logo iremos para a nossa casa no campo, onde ele vai poder correr à vontade e respirar ar puro.

— Às vezes me pego pensando que tudo isso não passa de um sonho. Que vou acordar e me encontrar no meu antigo quarto, temendo pela minha vida e a dos meus irmãos.

— Não é um sonho, querida, você e seus irmãos estão seguros.

Simon e Eleanor entram na casa que está tranquila e vão para o quarto, ele dispensa a criada da esposa, dizendo que ele mesmo vai cuidar dela. Assim que ficam sozinhos no quarto, Simon tira o paletó o jogando sobre uma cadeira, a gravata sai em seguida, enquanto ele observa Eleanor desmanchar o penteado.

— Você tem preferência? — Eleanor pergunta olhando para ele pelo espelho.

— Preferência?

— Sim, menino ou menina?

— Não, eu não tenho preferência. A única coisa que eu quero é ser um bom pai para os nossos filhos.

— Então se não tiver um filho para herdar seu título não vai se importar?

— Não. Como prometi, não serei como meu pai. A única coisa que importava para ele era um herdeiro, alguém digno para herdar o título e a fortuna. E foi justamente isso que fez com que ele me rejeitasse quando fiquei desfigurado.

— Seu pai foi um tolo. Você é um bom homem, Simon.

Eleanor se levanta e o abraça.

— Eu tento ser, ainda mais para merecer ficar com você.

— Merecendo ou não, eu sou sua.



Eleanor desce para o café da manhã ansiosa, após a noite em que praticamente não dormira, pois Simon não deixara, estava cansada, mas feliz. Ao entrar na sala de jantar, sua irmã, Daisy e James já estavam sentados.

— Como foi o baile? — Charlotte pergunta antes que ela possa se sentar.

— Foi maravilhoso, praticamente todos os convidados de lady Georgianna estavam presentes. Vocês teriam gostado.

— Mal posso esperar para que chegue minha vez na próxima temporada.

— Você será a sensação da temporada, Daisy, tanto você quanto Charlotte.

— Isso eu já não tenho certeza, minha irmã. Daisy e eu não somos em nada parecidas. Duvido que alguém se interesse por mim.

— Você é irmã de um conde e cunhada de um duque, seu dote deixado por seu pai é generoso, e o estou aumentando. Tenho certeza de que se sairá bem — Simon responde.

— Então terei todos os nobres falidos aos meus pés. — Charlotte ri.

— Se tiverem todos os dentes e os cabelos será uma vantagem — Daisy diz e as duas dão risadas, a amizade entre elas se formara rapidamente.

— Vocês duas encontrarão bons maridos. Terão a mim, lady Georgianna e a Condessa Benningfiel se ofereceu para ajudá-las ano que vem. Então tenho certeza de que se sairão bem — Eleanor diz sorrindo para as jovens. — Aproveitando o clima leve que estamos, gostaria de dizer algo.

— Está tudo bem? — Charlotte pergunta olhando atentamente para a irmã.

— Mais do que bem. Simon e eu teremos um bebê.

— Um bebê? — Daisy solta um grito nada elegante e se levanta para abraçar o irmão. — Vamos ter um bebezinho em casa.

Charlotte e Daisy gritam animadas sobre o sobrinho. James olha para o casal com um rostinho preocupado.

— O que foi, meu amor? — Eleanor se levanta e vai para o lado dele.

— Nada.

— Tem certeza?

— Eu vou atrapalhar quando o bebê nascer.

— Você jamais vai atrapalhar, James. Nós dois somos os homens da casa e você tem que me ajudar a cuidar dessas mulheres.

— Mas se for um menino...

— Ele ainda será muito pequeno para me ajudar. Você tem um lugar nessa casa, James, e não importa se Eleanor e eu tenhamos dez filhos homens. Você faz parte dessa família, é o meu cunhado e conto com sua ajuda.

— Está bem, eu vou ajudar. — James se arruma na cadeira ficando com uma postura igual a de Simon. — E como conde e responsável por Charlotte, tenho que ter certeza de que a minha irmã encontre um marido com todos os dentes — ele diz e todos dão risada.

— Obrigada, James, tenho certeza de que com você e Simon encontrarei um bom marido. — Charlotte abraça o irmão.

Simon sorri para Eleanor, que o agradece com o olhar, seu irmão era pequeno e havia perdido os pais, agora com a chegada de um novo membro na família, estava com medo de perder seu lugar. E Simon lhe dera justamente um propósito, algo para se agarrar, um lugar entre eles.



O silêncio pode ser considerado valioso, mas Simon estava agitado com o fato de que o tio de Eleanor não se manifestara desde o baile. A paz vivida por eles nas duas semanas após a festa o preocupava. Enquanto a família comemorava o fato da chegada de um novo membro, ele andava ansioso pela casa. Seus únicos minutos de sossego era quando tinha a esposa em seus braços e ele confirmava que tudo estava bem.

Muitas vezes após a calmaria vinha tempestade e era justamente isso que ele temia.

Não demorou muito para que ele tivesse a certeza de que Alfie dera alguns dias para que acreditassem que tudo estava resolvido e que ele não tentaria mais nada. Mas quando um recado chegou pela manhã solicitando que ele fosse imediatamente para a Câmara dos Lordes, ele soube que a paz chegara ao fim. Após encaminhar um recado solicitando que Riley e Thomas Wrigth fossem encontrá-lo entrou em sua carruagem rumo a reunião que poderia decidir não só sua vida, mas a de sua família também.

— Como está, Vossa Graça? — o conde de Pritchett pergunta o cumprimentando.

— Poderia estar melhor, não entendo como a Câmara dos Lordes acolheram as reclamações daquele homem.

— Ele tem se feito bastante exigente, soube que ele visitou diversos nobres procurando apoio para desfazer seu casamento.

— Meu casamento é oficial, minha esposa até mesmo está grávida, por isso não entendo o que há para se discutir.

— Espere alguns minutos, assim que todos chegarem podemos dar início a reunião.

Um a um, os nobres foram chegando e tomando seus lugares, Riley se senta ao seu lado com seu futuro sogro e conversam com Simon tentando tranquilizá-lo.

Quando por fim a reunião começa, Simon procura por Alfie, que está sentado do outro lado da sala com um olhar vitorioso.

— Chegou ao nosso conhecimento o pedido do Sr. Alfie Bartlett, sob a custódia de seus sobrinhos — Pritchett diz se levantando. — Contudo, o marquês Riley Callow nos apresentou documentos, incluindo entre eles o testamento do antigo conde de Greenwood, onde ele estipula que o primeiro homem a se casar com uma de suas filhas, se tornaria o tutor legal dos outros irmãos. No caso, o duque de Wentworth se casou com lady Eleanor, e se

tornou oficialmente tutor dos menores lady Charlotte e do atual conde de Greenwood, James. Mesmo sabendo do testamento e da vontade de seu irmão, o senhor insiste em brigar pela guarda dos menores, Sr. Bartlett?

— Eles são meus sobrinhos, minha única família. James deve ser criado por mim e não por esse homem.

— Esse homem é um duque respeitado — Riley diz se levantando. — Ele se casou com lady Eleanor, não possui qualquer dívida ou necessita de dinheiro. O que significa que seu interesse não tem nada a ver com a fortuna do conde.

— Eu só quero o bem-estar dos meus sobrinhos.

Simon olha para Alfie, que estava vermelho e esbravejando do outro lado da sala, agora tudo fazia sentido. Ele ficara em silêncio nas duas semanas, pois estava verificando que caminho poderia seguir a partir dali. Com o casamento dele com Eleanor se confirmando como oficial, sua única opção era apelar pelo lado da família.

— James — Simon diz baixinho e Riley olha para ele por sobre o ombro.

— O atual conde de Greenwood, do momento em que ficou sob sua custódia, até o dia em que se mudou para a casa do duque esteve doente. O médico que o atendeu até mesmo atestou que o menino estava sendo envenenado aos poucos. Lady Eleanor e lady Charlotte garantem que o senhor não permitia que chamassem um médico para atender o conde. Não me parece muito estranho, senhores, que misteriosamente um garoto de dez anos cheio de vida, aos poucos adoeça, e que no caso de sua morte o único que herdaria o título seria o Sr. Bartlett?

— Está me acusando de tentar matar o garoto? Ele é da minha família, meu sobrinho! — Alfie grita se levantando.

— Controle-se, Bartlett — Coltrane diz com sua voz grossa se levantando. Simon olha para o conde de Benningfiel. Sua altura era impressionante, bem como seu olhar aguçado, ele sempre se mantinha em silêncio, mas não era segredo que de dentre todos os lordes presentes, ele poderia ser o mais impiedoso. — O marquês apresentou relatos de testemunhas e tenho certeza de que o médico aceitaria falar também, todos são categóricos ao dizer que o garoto teve uma melhora surpreendente desde que se mudou para a casa do duque. Agora não estou dizendo que o senhor estava envenenando seu sobrinho. Mas se a melhora foi significativa, então não vejo o porquê de tirar o menino de onde está. O antigo conde determinou em seu testamento quem seria o responsável em sua morte. Então não há o que discutir aqui.

Simon olha agradecido para Coltrane, que se senta novamente. Os lordes na sala começam a cochichar entre eles.

— Acho que a decisão de Coltrane será levada em consideração. Ele é um nobre respeitado. E até mesmo a Câmara não pode ir contra um testamento, principalmente quando Charlotte e James estão muito melhor com você.

— Chegamos a uma conclusão então? — Pritchett pergunta. — Os a favores que os menores em questão permaneçam com o duque de Wentworth digam sim.

Os lordes ecoam a concordância deles como o entendimento de Coltrane, Simon se levanta e agradece a todos e sai da Câmara. Por mais que quisesse

respirar aliviado, sentia uma pontada de preocupação. As palavras de Aiden não saíam de sua cabeça. A guerra não estava ganha e se alguma coisa acontecesse com ele, Alfie recuperaria a guarda de James e Charlotte, isso se não conseguisse colocar as mãos em Eleanor e seu filho por nascer.

Descendo rapidamente os degraus em frente a Câmara, Simon avista sua carruagem, pedira a seu cocheiro que não saísse dali, queria voltar assim que possível para casa. Ao colocar os pés no último degrau, um som alto praticamente estoura em seus ouvidos, uma fígada em seu ombro o derruba de costas sobre a grande escadaria. A visão do rosto de seu cocheiro e de Riley é a última coisa que ele vê antes da escuridão o engolir.



O som apressado dos cascos dos cavalos em frente à casa e gritos chamam atenção de Eleanor, que se levanta do sofá onde estava tomando chá com Charlotte e Daisy. Ela vai para a porta principal da casa, que se abre com tudo, e Riley entra com o cocheiro, entre eles está Simon desacordado.

— Simon? — ela grita tentando ir até ele, mas a Sra. Haylock a segura.

— Levem-no para o quarto. Temos que chamar o médico — a Sra. Haylock diz apressada.

— Mandeï um garoto de recados, daqui a pouco ele está aqui — Riley diz subindo as escadas.

Eleanor sobe apressada atrás deles com as duas garotas atrás dela, Daisy perguntando a todo instante o que aconteceu.

— Riley! — Eleanor grita assim que Simon é colocado em sua cama.

— Tudo o que eu sei é que ele levou um tiro saindo do Parlamento, ninguém viu quem foi.

A Sra. Haylock se adianta arrancando a camisa de Simon revelando o ferimento que imediatamente tenta estancar usando a camisa descartada.

— Onde ele está? — o médico pergunta entrando apressado no quarto e vai até a cama examinando Simon. — Sei que estão preocupadas, mas preciso que saiam do quarto, tem gente demais aqui.

— Ele é o meu marido.

— E vou cuidar dele, prometo que farei o meu melhor, mas preciso que saia do quarto.

Eleanor olha para Simon, que está desmaiado, e respira fundo.

— Não o deixe morrer.

— Eu não vou.

Puxando Charlotte e Daisy para fora do quarto, as três descem para a sala onde estavam.

— O que aconteceu, Eleanor? — Daisy tenta limpar as lágrimas do rosto.

— Está tudo bem? — James entra devagar na sala e se senta ao lado de Charlotte.

— Simon levou um tiro. — Eleanor olha pela janela tentando se controlar, não podia surtar, sua família dependia dela.

— Alguém tentou matar o Simon? — James pergunta preocupado.

— Por que alguém tentaria matar o meu irmão?

— Porque se ele morrer, teremos que voltar a morar com o nosso tio. — Eleanor gira para olhar o irmão, suas palavras não poderiam estar mais corretas.

— Eleanor? — Lady Georgianna entra na sala e a puxa para um abraço, atrás dela entram Scarlett e lorde Thomas.

— Lorde Thomas, preciso do senhor. — Eleanor se afasta de lady Georgianna. — Acredito que tudo isso não passe de uma armação do meu tio. Ele é o único que teria interesse na morte do meu marido.

— Acredito que possa ter razão. Mas seria uma estupidez ainda mais logo após a sessão da Câmara, que estava decidindo sobre o testamento do seu pai. Mas faz sentido. Vou procurar a polícia agora mesmo e contar a nossa versão.

— Como o Simon está? — Scarlett puxa Eleanor para o sofá a obrigando a se sentar.

— Não sei, o médico me expulsou do quarto. Ele estava sangrando muito e desacordado. Estou com medo.

— Seu marido é forte e enfrentou coisa muito pior, ele vai ficar bem — lady Georgianna diz e vai acalmar Daisy.

Quase meia hora depois, Riley entra acompanhado do médico na sala.

— Consegui tirar a bala e parar a hemorragia. Felizmente nada vital foi atingido. Ele vai ficar bem. Se ele tiver febre ou passar mal, me avisem imediatamente.

— O senhor não vai ficar? — Eleanor se levanta e corre até o médico.

— Ele está bem, e eu moro perto, se precisar mande me chamar.

Eleanor concorda e observa o médico sair da sala, antes que alguém possa tentar impedi-la, ela corre para o quarto de Simon, precisa verificar com os próprios olhos que o marido está bem.

O quarto de Simon está com as cortinas fechadas e apenas algumas velas iluminam o recinto, ela entra devagar tentando não fazer barulho permitindo que ele descanse. Dando a volta na cama, ela se deita ao lado de Simon e coloca a mão sobre o seu peito, sentindo o coração bater.

— Simon? — ela sussurra o seu nome. — Não me deixe, por favor.

Apoiando a cabeça sobre o ombro bom de Simon, ela fecha os olhos, cuidaria dele durante toda a noite se fosse preciso.



A primeira coisa que Simon percebe ao recuperar a consciência é que seu ombro parece queimar, sua boca está seca e uma dor irradia pelo lado esquerdo. Por alguns segundos, sua cabeça volta na noite em que sua vida mudou e ele tenta gritar, mas uma doce voz chamando o seu nome o impede.

— Simon? Você acordou, meu amor?

— El... — ele diz com a voz rouca e tenta abrir os olhos.

— Eu estou aqui. — Eleanor beija os seus lábios secos repetidas vezes.

— Eu estou com você.

— O qu... que...

— Shhh... descanse, querido, está tudo bem. — Os olhos de Simon piscam rapidamente até que ele consegue focar seu olhar em Eleanor, seu rosto está abatido e está cansada. — Você está bem, descanse.

Simon volta a fechar os olhos, aceitando a sugestão da esposa e volta a dormir rapidamente.

— Como ele está? — Eleanor se assusta ao sair do quarto e dar de frente com Aiden. — Eu soube o que aconteceu e vim direto para cá.

— Ele está fraco, o remédio o deixou um pouco desnortado, mas o médico disse que está bem. Só vou buscar um pouco de água para umedecer seus lábios que estão secos e volto para ficar com ele, não quero sair do seu lado.

— Eu vou pedir para a criada trazer a água, volte a ficar com ele. — Eleanor concorda e ao voltar para o quarto escuta o seu nome. — Eu prometo que vou tentar descobrir o que aconteceu, seja lá quem fez isso, não vai sair impune.

— Obrigada, Aiden.

— Tente descansar um pouco, você está com a aparência horrível.

— Nossa, obrigada, isso é tudo o que uma mulher quer ouvir.

— Uma vez que você é casada e minha amiga, não preciso flertar ou pensar em seus sentimentos. Posso ser completamente honesto. — Aiden pisca para ela sorrindo e vai para as escadas. — Vai dormir, Sra. Halsey.

Eleanor sorri com as brincadeiras de Aiden e obedientemente volta para a cama com Simon, nas poucas horas que tentara descansar ao lado dele estava preocupada demais para pegar no sono. Mas agora que ele despertara e parecia bem, dormir parecia tentador.



A noite só poderia ter sido considerada horrível, Simon tivera febre e Eleanor se alternava com a Sra. Haylock tentando esfriar seu corpo. Quando o dia começava a clarear, Simon finalmente adormecera tranquilamente sem seu corpo tremer devido a febre. Muito contrariada, Eleanor foi levada para o seu quarto para que descansasse um pouco. Depois do que parecia ter sido apenas alguns minutos, ela acorda e se arruma rapidamente decidida a voltar para o quarto de Simon.

— Simon? — ela sussurra ao entrar no quarto e encontrar o marido sentado apoiado em alguns travesseiros.

— Oi, meu amor. — Ele estica o braço para ela, que pula na cama o abraçando.

— Eu temi...

— Está tudo bem, eu estou bem agora. A Sra. Haylock trouxe um caldo para que eu tomasse, muito em breve estarei fora dessa cama.

— Você não pode me deixar, eu não... — Eleanor balança a cabeça e beija Simon. — Não posso ficar sem você.

— Isso não é uma opção, querida, estarei ao seu lado eternamente. Eu prometo. Agora quero que você desça e coma alguma coisa. Fui informado que não cuidou de si mesma. Lembre-se de que carrega nosso filho e precisa cuidar dele também.

— Não tive cabeça para isso.

— Eu sei, mas agora eu estou bem e quero que você vá se cuidar. Já providenciei uma companhia para mim.

— E quem seria melhor do que eu para ficar com você? — Antes que Simon responda, a porta se abre e James entra com um criado que segura uma caixa.

— Achamos! — James grita animado.

— O que você achou? — Eleanor pergunta olhando curiosa para a caixa.

— Vou ensinar James a jogar xadrez. Ele ficará comigo durante toda a manhã. Então desça e se alimente e depois descanse um pouco.

— Não consigo mais dormir longe de você — ela diz sentindo o rosto esquentar.

— Então volte para cá logo em seguida e deite-se ao meu lado.

— Está bem.

Eleanor beija James na testa e o menino se senta na cama cruzando a perna, entre ele e Simon o tabuleiro é arrumado e seu marido começa a explicar as peças do jogo. Descendo com o coração um pouco mais aliviado, Eleanor vai diretamente para a cozinha assustando as criadas.

— Deseja alguma coisa, Vossa Graça? — uma delas pergunta fazendo uma reverência.

— Eu perdi o café da manhã, poderia preparar alguma coisa?

— Agora mesmo, se quiser ir para a sala eu levo sua refeição assim que estiver pronta.

— Obrigada. — Eleanor está para sair, mas gira novamente assustando novamente a criada. — Mil perdões, não pretendia assustá-la, é que esqueci de dizer que o cheiro de frango tem me deixando enjoada, então se puderem evitar.

— É claro — a cozinheira diz se aproximando e entregando uma xícara para ela. — A última coisa que eu queria quando estava carregando meu filho era entrar na cozinha. Os cheiros eram horríveis, agora se a senhora for para a sala, levaremos sua refeição.

— Obrigada, mais tarde levem refrescos e biscoitos para o quarto do duque, ele e meu irmão estão jogando xadrez e provavelmente não verão a hora passar.

Depois de um café da manhã com torradas, ovos mexidos, e chá, já que foram as únicas coisas que conseguiu comer devido ao enjoo, Eleanor vai para o quarto de Simon, os dois continuavam entretidos no jogo, mudando o

tabuleiro de lugar para que ficasse do seu lado esquerdo, Simon pede para James ir para o outro lado da cama, deixando assim o lado direito para Eleanor. Sem conseguir resistir, já que estava realmente cansada, ela se deita ao lado de Simon, que estica a mão para segurar a dela, que adormece rapidamente.

— É assim que um homem deve cuidar da esposa? — James pergunta olhando rapidamente para a irmã, que dorme profundamente.

— Você é um pouco novo demais para pensar nisso, não acha? — Simon pergunta tentando segurar o riso.

— Não tenho ninguém para perguntar essas coisas. — Ele dá de ombros e volta a olhar para o jogo.

— Eu estou aqui para isso, James, e tenho certeza de que Charlotte encontrará um bom homem, que também será seu amigo e assim como eu explicará tudo para você.

— Ficamos com medo.

— Imagino, mas nada vai acontecer comigo.

— Foi meu tio, não foi?

Simon suspira e olha para o garoto tão pequeno, apenas há pouco tempo que seu semblante começara a melhorar, não estava mais com um ar abatido, tinha um pouco mais de forças até mesmo para andar sozinho. Completamente diferente do menino desacordado que se agarrava ao pequeno fio de vida.

— Acredito que sim. Mas não vou deixar que ele faça nada contra vocês ou comigo. Sou um duque, James, e minha posição dispõe de muitos privilégios. Entre eles ser ouvido pelo Parlamento e pela polícia. Seu tio irá pagar não só por tentar me matar ou por tentar prejudicar suas irmãs, ele irá pagar principalmente por ter te envenenado aos poucos. Eu juro que ele não ficará impune.

— E depois?

— Depois o que você acha de irmos para o campo? Preciso ensinar meu cunhado, o conde de Greenwood, a andar a cavalo. Podemos pescar, o que acha?

— Acho que eu gostaria disso.

— Então é o que faremos. Tenho certeza de que ficará muito melhor no interior se alimentando corretamente e respirando ar puro. Quando estiver completamente recuperado, poderemos visitar suas terras e assim posso ajudá-lo a cuidar de tudo.

— Vai me ajudar a administrar tudo?

— Vou, porque um dia, meu caro conde, você será responsável por todo um condado, pelos arrendatários, e farei de tudo para que seja o melhor nessa posição.

— Obrigado. — O menino olha para irmã novamente e se levanta da cama. — Vou deixar que cuide de Eleanor agora. Ela cuidou de mim e de Charlotte por todo esse tempo, sabia?

— Eu sei. — Simon olha para a esposa. — Está na hora de alguém cuidar dela, não é verdade?

— Sim, e você é o melhor para fazer isso. Fico feliz por minha irmã ter se casado com você.

— Eu também fico.

O garoto fica em silêncio por alguns segundos e abre um sorriso travesso.

— Você precisa me ajudar a arrumar um marido com dentes para Charlotte, eu prometi para ela.

— Eu vou ajudar, não se preocupe.

Tão rápido quanto sua condição permite, James sai do quarto fechando a porta devagar, Simon se ajeita na cama e puxa Eleanor para os seus braços. Por mais que quisesse se levantar e garantir que Alfie pagasse pelo que fez, iria aproveitar um pouco o fato de que estava com sua esposa em seus braços. No dia seguinte, ele poderia cuidar dos assuntos mais complicados, para que finalmente pudesse cumprir sua promessa para James.



— Então ele foi preso? — Simon pergunta para Riley, dois dias depois de seu atentado, estava forte o suficiente para descer até a sala de visitas e receber seu amigo e sua noiva.

— Foi, todos ouviram o tiro, Coltrane na mesma hora ordenou que Bartlett fosse preso quando ficaram sabendo que levou um tiro. Ele disse que se havia alguém que desejaria sua morte, seria Bartlett. Ele foi levado sob custódia e interrogado. Enquanto você descansava, eu e Lorde Wriarth garantimos que ele seria condenado. As provas são mais do que suficientes para isso.

— Então finalmente acabou? — Eleanor estende a mão para segurar a do marido.

— Acabou. — Riley sorri. — Haverá um julgamento, mas não me preocupo com isso. Ele atentou contra a vida de um conde e de um duque. Chegou aos ouvidos da Rainha que o conde de Greenwood estava sendo envenenado, ela exigiu que Bartlett fosse condenado. Acho que depois disso, ele não tem como fugir de sua punição.

— Por que a Rainha iria se envolver? — Simon pergunta confuso e escuta uma risada ao seu lado. — O que eu não sei, Eleanor?

— Meu pai, apesar de ser um conde respeitado, tinha um grande talento para a música. Depois de ouvi-lo tocar em uma festa que em que fora convidada, a Rainha por diversas vezes o convidou até a Corte para tocar especialmente para ela. Os dois acabaram se tornando amigos de certa forma. Recebemos uma carta de condolências da Rainha logo após a morte dos nossos pais, ela sentira profundamente a perda dele. Não estranho o fato de que ela se envolva.

— Essa amizade foi muito útil agora. Uma ordem da Rainha não se pode ser negada. Então a justiça e a Câmara dos Lordes não têm outra alternativa a não ser condená-lo. — Riley dá de ombros. — O que irão fazer agora? A temporada ainda está em alta, tenho certeza de que receberão vários convites.

— Se Eleanor desejar ficar, então ficaremos até o final da temporada. Caso contrário, gostaria de levar minha família para o campo.

— Acho que podemos ficar mais um pouco. Você e James estão se recuperando. E o casamento de Scarlett está próximo. Após a cerimônia podemos ir para o campo.

— Como preferir. — Simon dá um leve aperto na mão da esposa. —

Ficamos até o casamento de Scarlett e Riley.

— Ainda bem que irá ficar, preciso de sua ajuda. Meu vestido de noiva parece um poodle gigante. Não tenho noção do que aquela modista fez.

— Annora é muito melhor do que a Sra. Flossen. Você deveria falar com ela — Charlotte comenta folheando seu livro.

— Acredito que talvez tenha razão. A modista não fez nada do que eu pedi. É capaz de Riley ter um ataque de risos quando eu entrar na igreja.

— Jamais daria risada de você, minha querida.

— Você diz isso, porque não viu a catástrofe do meu vestido de noiva. Minha mãe está inconformada.

— Então vamos até o ateliê de Annora, ela fará um belo vestido de noiva.

— Mais uma cliente importante que a Sra. Flossen perde. — Charlotte ri e se levanta. — Posso acompanhá-las?

— Claro que sim, você também Daisy. — As meninas sobem para colocarem seus vestidos de passeio, enquanto Scarlett acompanha Eleanor até seu quarto.

— Acho que sobramos, James — Simon diz para o menino que estava sentado no chão com seu barco de madeira. — O que faremos?

— Alguma coisa de homem, nada de bobagens sobre vestidos e fitas.

— E se fôssemos ao alfaiate? Tenho que terminar de ver meu terno...

— Isso é bobagens de roupas. — James revira os olhos para Riley, que solta uma risada alta.

— Creio que algo mais de homem seja impróprio para você ainda, James.
— Simon bagunça o cabelo do garoto.

— Eu sou um conde.

— Um conde de dez anos. Terá que esperar mais uns oito anos para finalmente fazer coisas de homens de verdade. — Riley sorri. — Mas já que quer fazer algo que não seja tão bobo, o que acha de irmos até a sua mansão e tomar posse dela? Agora que seu tio não vive mais lá, podemos fazer o que quiser com ela.

— Eu quero que a governanta seja mandada embora, ela trazia a sopa ruim para mim.

— Então temos uma missão de homens. — Simon se levanta. — Vamos despedir todos os criados que deseja e fazer o que você quiser com a mansão.

— Eu vou morar nela um dia?

— Assim que fizer dezoito anos, você toma posse de tudo. Então ela passa a ser a casa onde você pode morar. Claro que sempre terá um lugar aqui comigo e sua irmã.

— Acho que vou ficar com ela, foi lá que moramos a vida inteira. Tem memórias dos meus pais.

— Então vamos mantê-la.



Após uma tarde agitada, onde muitos dos criados foram mandados embora, e informar para os que ficaram, que a partir de agora James com apoio de Simon mandava na Mansão Bartlett, os dois voltaram para casa. Era quase noite quando finalmente entraram na Mansão Halsey.

— Deu tudo certo? — Eleanor pergunta saindo da sala de visitas.

— Sim, agora eu mando em tudo — James diz esfregando os olhos.

— Senhora Haylock, providencie um banho para o James e o seu jantar em seu quarto. Ele está cansado.

— Agora mesmo, Vossa Graça.

James sobe sem protestos com a governanta, enquanto Simon puxa Eleanor para os seus braços.

— Ele entrou de cabeça erguida na casa, reuniu todos os criados e mandou embora os que ele queria. Exigiu que tudo do seu tio fosse recolhido e enviado para a casa dele. Após pediu que a casa inteira fosse limpa, não queria nenhum vestígio de que Alfie um dia morou ali.

— Ele é tão pequeno.

— James pode ser pequeno, mas tem um coração enorme e, principalmente, já é ciente de suas funções. Ele sabia que Riley e eu estávamos com ele, e isso lhe deu forças para fazer valer sua posição. Ele será um grande conde um dia.

— Graças a você. Você salvou a vida dele, da minha irmã e a minha. Nem acredito que me ouviu aquele dia e concordou em se casar comigo.

— Eu achava que estava louca por querer se casar com um homem como eu, e principalmente que estava desesperada. Mas agradeço aos céus, por ter tido a coragem de falar comigo. Ganhei mais do que você imagina quando fiz de você minha esposa. E agora que não temos mais qualquer tipo de ameaças, ou preocupações com o dia de amanhã, vou fazer dos meus dias a missão de fazê-la feliz.

— Você já faz, Simon. Eu te amo.

— Eu também te amo, Eleanor. Você nem imagina o quanto.

Epílogo

Simon andava de um lado para o outro, tomara praticamente meia garrafa de conhaque, desde a hora que a Sra. Haylock avisara que Eleanor estava em trabalho de parto. A sala de visitas da Mansão Halsey estava praticamente cheia com seus amigos. Riley ria dele a cada resmungo que soltava. Não suportava saber que sua esposa estava no andar de cima sofrendo enquanto dava à luz.

— Ela vai ficar bem, Simon — lady Georgianna diz se levantando para ficar ao seu lado. Desde que ela praticamente se tornara oficialmente uma segunda mãe para Eleanor, passara a tratá-lo como seu filho também. — Eleanor é uma mulher forte.

— Eu sei, mas saber que ela está sofrendo por minha causa me deixa louco.

— Isso que é apenas o primeiro filho. — Charlotte ri de seu cunhado.

Um grito alto pôde ser ouvido, seguido do silêncio e um choro fraco.

— Nasceu. — Daisy enxuga uma lágrima. — Parabéns.

Simon recebe as felicitações de todos, enquanto sua vontade era de correr aquelas escadas até seu quarto e abraçar sua esposa. Scarlett entra na sala com um grande sorriso e finalmente diz que ele pode subir. Ao entrar em seu quarto, Simon vai até a cama onde Eleanor segura um pequeno pacote.

— Você está bem? — Ele beija a testa de Eleanor, que abre um sorriso cansado.

— Estou, nós dois estamos bem. — Ela se remexe na cama e coloca o pequeno bebê nos braços de Simon. — Esse é o seu filho.

— Filho?

— Sim, tivemos um menino.

Simon olha para o rosto gordinho e vermelho do filho, seu peito parece que vai explodir com a emoção e o amor instantâneo pela pequena criança.

— Estive pensando. — Eleanor solta um bocejo involuntário e se ajeita sobre os travesseiros. — O que acha de Oliver? Oliver Halsey, futuro duque de Wentworth. — ela para de falar enquanto adormece.

Simon sorri para a esposa adormecida e beija a testa de seu filho. Quase um ano se passara desde que Eleanor entrara em sua vida. Muito mudara de sua rotina, principalmente o fato de que agora ele era um homem melhor, um homem que não temia mais sorrir. Levantando-se com o filho, ele caminha

até a janela, o dia estava cedendo espaço para a noite, sua esposa estava dormindo calmamente e seu filho o olhava fixamente, como se tentasse entender quem era aquele homem que o segurava.

— Eu prometo que serei um bom pai, melhor do que o meu foi um dia. Darei-lhe tudo o que um futuro duque precisa. Mas, principalmente, darei tudo o que um menino precisa. Incluindo um pai amoroso, justo e sempre disponível para você. Seja bem-vindo, meu filho.

Parecendo concordar com suas palavras, Oliver fecha os olhos se entregando ao sono como sua mãe. Simon volta para a cama e beija a testa de sua esposa. Eleanor trouxera alegria a sua vida. E ele era eternamente grato.



**DAMAS DA SOCIEDADE CONTINUA COM
A NOIVA AMALDIÇOADA.**

Biografia

JULIE LOPO nascida em São Paulo capital, formada em Direito. Leitora compulsiva, chegou a ler 25 livros em um mês. Viciada em livros, chocolate, sapatos e maquiagem. Sempre gostou de escrever, mas parou quando uma professora disse que não tinha talento, mas nunca desistiu do seu sonho. Gosta de filmes românticos, de comédia e de ação.

Autora da *Série Nos Passos, Para Sempre Você, D'votion: quem será a próxima vítima?*, *Memórias do Coração*, que foram publicados pela Editora PL.

"Encontrei na escrita uma paixão que quero dividir com o mundo."

Obras

ESSAS E OUTRAS OBRAS ESTÃO
À VENDA NA AMAZON.

